

Em 2025, a Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, oferecida às crianças da cidade a cada dia 27 de setembro, chegou à sua 46ª edição. Criada e organizada por Mãe Iraildes, a celebração mobiliza uma extensa rede, que se multiplica a cada ano, formada por familiares, voluntários, comunidades de terreiros, lideranças comunitárias, comerciantes e doadores, que promovem a festa num laço que reúne ancestralidade e mundo contemporâneo.

Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba

Escola da Cidade
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo



MINISTÉRIO DA
CULTURA



A Festa de SÃO COSME e SÃO DAMIÃO de Carapicuíba (SP)

A Festa de SÃO COSME e SÃO DAMIÃO de Carapicuíba

fé, tradição e ancestralidade
no sorriso de cada criança







Introdução

Parte 1

As tradições de São Cosme e São Damião de Iyá Iraildes

Parte 2

A Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba

Parte 3

Chãos e tempos em rede na Festa de São Cosme e Damião de Carapicuíba

Parte 4

Referências



Introdução

Sankofa

*Se wo were fi na wo
sankofa a yenkyi*

Nunca é tarde para voltar e
apanhar o que ficou atrás

Por mais que eu me vá embora amanhã, mas deixo um histórico plantado na Associação sobre São Cosme e São Damião ¹

Eni tí kò légbé ayé kò níní t'òrun

**Provérbio iorubá:
A pessoa que não tem
uma sociedade na terra
nunca terá uma no céu ²**

◀ **Festa de São
Cosme e São Damião.**
Terreiro Ilê Asé Nitánirê,
Novo Horizonte,
Carapicuíba, São Paulo.
Fonte: Acervo de Mãe
Iraíldes, década de 1980.

¹ Fala de Mãe Iraíldes, em entrevista dada em sua casa, no município de Carapicuíba, em agosto de 2025.

² Renata Menezes, Morena Freitas e Lucas Bártolo (orgs.), *Doces Santos: devoções a Cosme e Damião*, Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, p. 289.

³ De acordo com o IBGE de 2022, a população do município de Carapicuíba soma 387.121 habitantes, dos quais 46,85% se dizem católicos, 31,5% se declaram evangélicos e 1,32%, de religiões de matriz africana, seja da umbanda, seja do candomblé.

Mãe Iraíldes Pereira Rosa, Iyalorixá Iyá Nitánirê, carinhosamente chamada de Madrinha, é uma mulher negra, que nasceu em uma fazenda de cacau, no município de Gongogi, interior da Bahia. É filha de Prudêncio Avelino dos Anjos, adventista, e de Theodomira Pereira de Souza, rezadeira e benzedeira, que juntos tiveram onze filhos.

De uma generosidade ímpar, com uma longa trajetória de luta pelos direitos dos povos afrodescendentes, Mãe Iraíldes é a figura central que criou e movimenta a Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, oferecida para as crianças a cada dia 27 de setembro, no município paulista. Em 2025, a festa chegou à sua 46ª edição. A celebração mobiliza uma extensa rede, que se manteve ao longo de décadas e se multiplica a cada ano, formada por familiares, doadores, voluntários, comunidades dos terreiros, lideranças comunitárias, comerciantes, entre outros, que auxiliam na organização e fazem doações de doces, brinquedos, refrigerantes, lanches, comidas e afetos para aproximadamente duas mil crianças (em suas últimas edições), em troca da alegria e do sorriso estampados nos rostos das meninas e dos meninos.

Anualmente, a Iyalorixá realiza três festas em homenagem a São Cosme e São Damião. A primeira ocorre em um espaço público da cidade, que, desde 2016, tem sido sediada na Associação Nipo-Brasileira, possibilitando que as crianças de todos os credos e religiões ³ participem da festa e possam receber bolos, saquinhos de doces e um brinquedo escolhido criteriosamente pela Iyá de acordo com a idade e o gênero da criança.

A segunda festa é vivida no Ilê Asé Nitánirê, terreiro de Mãe Iraíldes, que hoje está perto dos cinquenta anos de existência, no bairro de Novo Horizonte, Carapicuíba, fortalecendo a tradição de sua mãe, de sua avó e de seus ancestrais, com cantos, danças, tambores e rituais. Na celebração tradicional, sete crianças especialmente vestidas com roupas em verde e vermelho (as cores de Cosme e Damião) se sentam numa mesa posta no chão com sete pratos, para receber o caruru em homenagem aos Erês, Egbé Òrun e aos Ibejis, divindades gêmeas africanas de grande prestígio junto aos orixás.

A terceira festa é comemorada em Gongogi, na Bahia, seguindo a tradição de sua mãe, devota de São Cosme e São Damião. O lugar da festa varia entre o campo de futebol, o terreiro e a porta da casa de Mãe Iraildes. Deste modo, as festas criam um território sagrado que vincula os terreiros de São Paulo, Bahia e África, territórios ligados pelo Atlântico Negro, de modo a estabelecer uma conexão profunda com as linhagens ancestrais e as tradições espirituais, religiosas e culturais de povos de matriz africana.

Nas festas celebradas nos municípios de Carapicuíba e de Gongogi, Mãe Iraildes distribui alimentos, brinquedos, comidas, doces, afetos e diversões para as crianças que vivem, em sua maioria, em comunidades vulneráveis e na pobreza da área rural, sem receber nenhuma ajuda do Estado.

Ao longo das décadas, a Iyalorixá construiu redes duradouras, que abrangem familiares, frequentadores dos terreiros, lideranças das comunidades, voluntários, comerciantes, doadores, artistas, músicos, políticos, pessoas que fazem promessas, outras que pedem benção, outras ainda que agradecem a vida. Algumas delas vêm de outros municípios e até de outros estados para a celebração.

As crianças, principais protagonistas da Festa de São Cosme e São Damião, ocupam as ruas, os espaços públicos e os terreiros, fazem homenagem aos santos e aos orixás, recebem o caruru e seus acompanhamentos, doces e brinquedos, ganhando proteção espiritual e ampliando os vínculos de solidariedade e amizade entre elas e com outras gerações. Além de Mãe Iraildes, outras mulheres são centrais para a realização da festa, participando há décadas da organização da celebração: Mãe Zana de Odé (Iyalorixá do Ilê Asé Odé Ibualamo), **4** Vera Lucia de Brito (Ekedi do Ilê Asé Nitánirê) e Clemilda de Souza Lemos (Rombona do mesmo terreiro, primeira filha raspada para o santo).

Em 2016, Mãe Iraildes formaliza as atividades de amparo à comunidade que seu terreiro e outros já realizavam, fundando a Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, entidade sem fins lucrativos

4 “Apesar das tentativas de diálogo e de negociação por parte da Yalorixá do Ilê com a administração municipal, no dia 15 de dezembro de 2023, o dia seguinte de uma audiência pública que foi mobilizada pela demolição do terreiro, a prefeitura pôs abaixo, à toque de caixa, o Ilê Asé Odé Ibualamo, Unidade Territorial Tradicional (UTT) do povo Yorubá, sem consulta prévia à comunidade e sem que, ao menos, ela pudesse tirar os seus pertences.” Projeto “A destruição do terreiro Ilê Asé Odé Ibualamo: patrimônios e caminhos da reparação”, *Ilê Asé Odé Ibualamo: memória e história*, ileodecau.wixsite.com/frenteileode.

sediada em terreno lindeiro ao Ilê. A organização passou a concentrar as ações de realização e promoção da festa, bem como a distribuição de alimentos, por meio de cestas básicas e eventos regulares. A alimentação, nas cosmovisões afrodiaspóricas, remete às práticas de cultivo de alimentos e ervas, aos rituais coletivos de preparo e às ações de compartilhamento, sejam aquelas inseridas diretamente nas festas religiosas dentro dos terreiros ou aquelas realizadas em espaços públicos. Além do trabalho voltado para a segurança alimentar do município, Mãe Iraildes conseguiu promover uma série de ações em frentes que apoiam a cultura, a arte e a defesa dos direitos sociais. Nas palavras de Fábio Rosa, filho biológico da Iyalorixá, ela é um “ícone intransferível em Carapicuíba”.

Este dossiê, *A Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba (SP): fé, tradição e ancestralidade no sorriso de cada criança*, produzido a partir de projeto selecionado pelo Edital de Chamamento nº 05/2023 do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (PNPI-IPHAN, Instrumento nº 947714), foi feito por muitas mãos, cabeças e corações, marcados pela trajetória de Mãe Iraildes. As informações aqui presentes foram colhidas principalmente por meio de entrevistas e conversas informais, realizadas entre 2023 e 2025. Todas as falas registradas nesta publicação foram originadas das atividades do projeto, exceto quando indicado de outra forma. Na impossibilidade de abranger todas as dimensões da festa (que são muitas!), bem como de apreender todos os seus impactos sobre as crianças das comunidades, optamos por dividi-lo em três partes complementares.

A primeira parte, “As tradições de São Cosme e São Damião de Iyalorixá”, retoma a história de vida de Mãe Iraildes, desde a morte de Rosinha, “hoje é sagrado invisível”, no município de Gongogi, interior da Bahia, até a sua forte atuação na luta contra a fome no município de Carapicuíba, São Paulo.

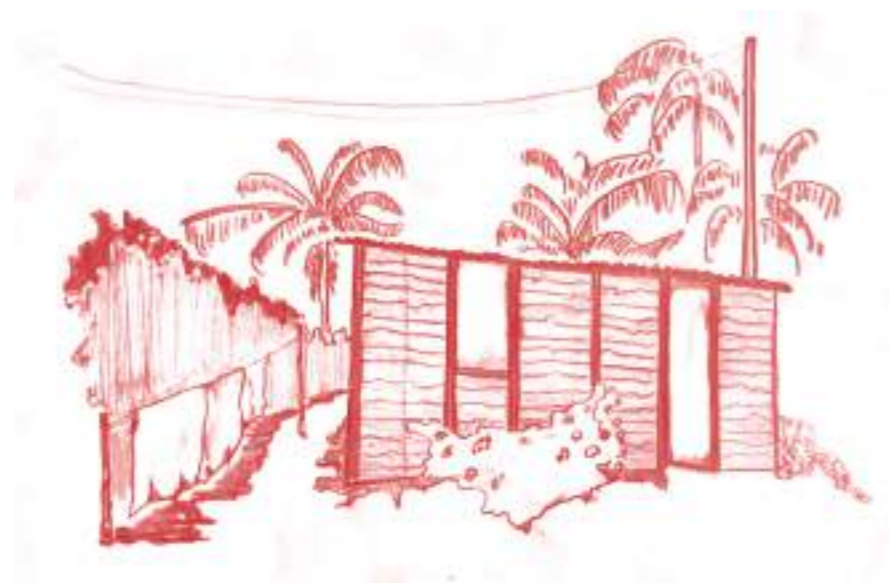
Já a segunda parte, “A Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba”, traça os caminhos da festa, sua dimensão pública e os numerosos agentes envolvidos na preparação do evento, capaz de receber perto de duas

mil crianças que vêm das mais de vinte comunidades da região.

A terceira e última parte, “Chão e tempos em rede na Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba”, costura as redes mobilizadas pela festa de Mãe Iraildes, principalmente com autoridades tradicionais de matriz africana do candomblé e da umbanda, lideranças comunitárias, comerciantes, políticos e agentes culturais. Todas essas redes são resultado da urdidura criada por Mãe Iraildes ao longo de mais de 40 anos de celebração aos gêmeos São Cosme e São Damião, de Gongogi a Carapicuíba.

Viva Iyá Iraildes!





PARTE 1

As tradições de São Cosme e São Damião de Iyá Iraildes

◀ Ilustração da casa de infância de Iraildes, em Gongogi, na Bahia.
Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 12/2025.

1 No município de Gongogi (BA): a memória de Rosinha na luta contra a fome

Nascida no município de Gongogi, na Bahia, Mãe Iraildes cresceu junto aos seus dez irmãos e seus pais, trabalhadores nas roças de cacau, em “fazenda dos outros”. Moravam em casa de pau a pique com chão de terra batida. Desde pequena, observava muitas famílias pobres que andavam léguas e léguas por dentro das matas à procura de casa, trabalho e comida. Entre os irmãos, estavam as gêmeas Edinalva e Edinália — “elas são terríveis”, conta Fábio, com carinho.

Quando tinha 8 para 9 anos de idade, Iraildes ouviu bater à porta, às cinco horas da manhã, uma família: o pai, a mãe e quatro crianças, que imploravam por comida, mesmo que fosse só um pouco de farinha com sal. Há mais de cinco dias, perambulavam pelas roças, comendo apenas banana verde. “Elas tremiam de fome”, conta a Iyalorixá.

Uma delas, uma menina de nome Rosa, com cerca de cinco anos de idade, implorava: “Fome, mamãe, pão!”. O pai de Mãe Iraildes foi imediatamente para a roça trazer mandioca e batata. As crianças nem esperaram cozinhar de tanta fome que elas tinham! Rosinha começou a comer e logo se pôs a gemer, dizendo que estava passando mal. A mãe da menina pedia ajuda e gritava:

Gente, minha filha, estou perdendo minha filha de fome! Ó, Deus, Rosa, você está indo embora. Não deixe sua mãe aqui. Eu fui mãe pra gerar, mas não fui mãe pra criar. Mas Deus está vendo, não consegui te salvar! Doença você não tem. Como todos os outros que estão aqui, é fome!

Devorada pela fome, Rosinha não resistiu e faleceu. Com muita tristeza, comenta Mãe Iraildes: “Foi um deses-

pero muito grande!”. Deitaram-na numa tábua enrolada num lençol de chita e cantaram a ladainha para menina a noite toda. Canta Iyá, com sua voz doce, forte e emocionada:

**Voou um canarinho
Voou e disse assim
Lá no céu tem festa hoje
Na chegada desse anjinho**

Nos primeiros raios de luz da manhã, saíram em cortejo para o enterro, rezando e cantando, numa tristeza sem fim. Rosinha foi enterrada ao pé de uma mangueira, onde foi colocada uma cruz para marcar a sepultura da criança. Desde esse dia, Rosinha esteve sempre presente na memória de Mãe Iraildes como um farol que ilumina a sua missão de lutar contra a fome e a desigualdade, promovendo a segurança alimentar das famílias nas comunidades vulneráveis. Impressa para sempre a cena da menina que morreu de fome na memória de Iyá, ela profetiza, “a cada momento que eu me lembro disso, gente, aquilo toma conta de mim! [...] Um dia eu vou crescer e vou trabalhar e lutar pelos famintos”. A partir daí, a relação entre a alimentação e a celebração religiosa tornou-se central na vida e na luta de Mãe Iraildes.

18

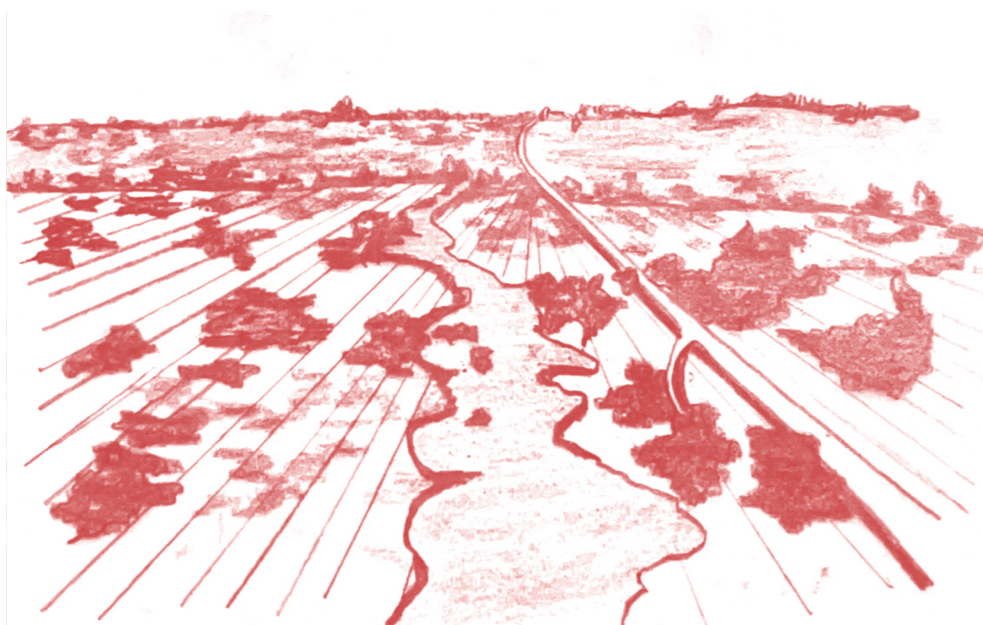


Ilustração do Rio das Contas, na Bahia. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 12/2025.



Duafe
Pente de madeira

2 Mãe Joaquina e a sabedoria das folhas e raízes

A mãe de Mãe Iraildes, Dona Theodomira, mais conhecida como Mãe Joaquina, desde muito jovem, exercia o ofício de benzedeira em Gongogi, na Bahia, seguindo a tradição de sua mãe, que faleceu em decorrência de uma picada de jararaca, durante a colheita de cacau que ficava muito distante de qualquer atendimento médico ou hospitalar. Mãe Joaquina, desde 1956, tinha um “terreirinho pobrezinho” feito de pau a pique, no fundo do terreno da casa, na Rua Rio Branco, à beira do rio Gongogi, que atendia tanto a população que vivia no vilarejo como também a que morava na roça. “Minha mãe, naquela cidade era como uma médica”, comenta Mãe Iraildes.

Como não tinha nenhum posto de saúde nas imediações, Mãe Joaquina se encarregava de curar diariamente espinhela caída, osso quebrado e muitas outras doenças, com rezas, benzimentos, raízes, ervas medicinais, além de outros conhecimentos ancestrais transmitidos da avó para sua mãe. Outra especialidade de Mãe Joaquina eram as “garrafadas” — garrafas que continham ervas para cada tipo de doença, que eram, generosamente, distribuídas para as pessoas que estavam doentes se curarem. No seu quintal, ela cultivava diversas plantas: era “um jardim”, que ficava à disposição das necessidades das moradoras e dos moradores da vila, do campo e de seus arredores.

19



Mãe Joaquina é abraçada por Mãe Iraildes. Casa da Mãe Iraildes, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, c. 2010.



Mãe Joaquina diante dos pratos dos orixás preparados por ela. Cozinha de Mãe Iraildes, Gongogi. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, Mãe Zana, 2017.



Mãe Joaquina e Mãe Iraildes ao lado do andor enfeitado de São Cosme, São Damião e Doum. Casa de Velas, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, 2014.

3 A iniciação no candomblé

Quando tinha 9 para 10 anos de idade, Mãe Iraildes, ao fugir de uma vaca no pasto, passou por debaixo de uma cerca e um arame farpado lhe machucou a perna, causando um ferimento que a adoeceu gravemente. Foi justamente esta ferida aberta quando criança que a levou para o processo iniciático. Não adiantou nem benzimento nem oração. Nada curava, nada aliviava a dor, nada melhorava a situação. Foi aí que os evangélicos disseram que era preciso orar durante sete dias e sete noites, porque no sétimo dia a menina iria morrer. Seguindo os preceitos da fé, fizeram o funeral e todos os preparativos para as exéquias. No entanto, contrariando as profecias e as expectativas dos fiéis, Mãe Iraildes continuou surpreendentemente viva depois do sétimo dia. Diante desse cenário, a comadre de sua mãe falou em um canto atrás da casa: "A senhora tira essa menina daqui, porque esse caso não é material, é espiritual!"

Mãe Joaquina seguiu o conselho. Aproveitando-se da saída do marido para a roça, colocou a sua filha no panacum atrelado ao burro [cesto de vime grande usado no sul da Bahia para transportar cacau] e seguiram para o povoado de Pedrinhas. De lá, junto com a Madrinha, Dona Cláudia, pegaram o marinete até Nazaré das Farinhas, no Recôncavo Baiano, também conhecida como "cidade das titias". **5** Ao chegarem, a "titia" levou a menina para casa, onde Mãe Iraildes fez as obrigações, raspou para os orixás e, desenganada pela Igreja Evangélica, foi completamente curada, restando apenas a cicatriz da ferida em uma das pernas.

De volta a Gongogi, com uns 12 anos de idade, a Iyá se deparou com uma situação bem difícil: o pai havia se separado da mãe por discordar de a filha ter se iniciado no candomblé. A única condição imposta pelo pai para voltar para casa seria a filha virar crente. Sem hesitação



Odo nyera ne fie kwan

O amor ilumina
seu próprio caminho,
nunca se perde
ao voltar para casa

5 O nome "Nazaré das Farinhas" vem da produção de farinha de mandioca, especialmente a farinha de copioba, feita a partir da raiz da mandioca, que é um produto tradicional da região. Mãe Iraildes a denominou de "cidade das titias" em razão da presença de muitas Mães de Santo ou Iyalorixás, que são as matriarcas que conduzem rituais e cerimônias nos terreiros de candomblé, garantem a manutenção e a transmissão das tradições de matriz africana, oferecem aconselhamento às comunidades e são responsáveis pela organização de festas, rituais e, ainda, pela administração de recursos financeiros. No Rio de Janeiro,

cidade de destino de muitas e muitos migrantes nordestinos, é comum a expressão "tia" para nomear mulheres negras ligadas ao samba e ao candomblé.

6 Segundo Mãe Zana, trata-se da obrigação de sete anos, um ritual simbólico que marca a "maioridade" espiritual de um iniciado, conhecido como iyawo. Esse período de sete anos é um ciclo de aprendizado e maturação espiritual, onde o iniciado fortalece seu vínculo com o orixá e se prepara para assumir maiores responsabilidades dentro do terreiro.

7 Caio Pompeu de Toledo foi deputado federal por São Paulo de 1º de fevereiro de 1975 até 1º de fevereiro de 1991.

e pensando no bem-estar da família, Mãe Iraildes se pôs de acordo e, para satisfazer a vontade do pai, logo começou a frequentar, aos sábados, a Escola Sabatina dos Adventistas de ritual e preparação para o batismo. "Ninguém chegava perto de mim", lembra-se ela, "porque era gente do mundo."

No dia do batismo, a família viajou para a cidade de Ipiaú, a 45 quilômetros de Gongogi, onde havia uma Igreja Batista. Vestida com um roupão branco, Mãe Iraildes desceu até o batistério, entoando um hino ensaiado que ela nunca esqueceu:

**Glória, Glória os anjos cantam lá,
Glória, Glória as harpas tocam já,
É o Santo Coro dando Glória a Deus
Pois mais um remido entra no céu.**

Só que na hora exata em que o pastor colocou a mão no nariz para banhar a cabeça de Mãe Iraildes, a água não cobriu o Ori (cabeça em iorubá), o que significa que o batismo evangélico não se consumou. Naquele instante, o orixá levou a menina para o meio da rua. "Onde eu olho agora, eu sei o lugar que ainda está lá até hoje. Pior que todo mundo da Igreja disse que era o Satanás que tinha tirado a menina do batistério, mas foi o orixá que eu raspei. Meu pai viu que não tinha mais jeito."

Confirmada a iniciação no candomblé na linhagem do Axé Casa Branca, em Salvador, Mãe Iraildes atravessou um longo caminho de aprendizado, obrigações rituais e aperfeiçoamento espiritual até se tornar Iyalorixá. "Candomblé é uma faculdade!", argumenta ela, "depois de feito, tem que ser sete anos se aperfeiçoando pra poder pegar o Oyê, **6** pra daí estar o hábito de jogar búzio pra pessoas."

Como tantas nordestinas, Mãe Iraildes migrou da Bahia para São Paulo com 17 ou 18 anos. Iniciada no candomblé, trabalhou como doméstica na casa da família do advogado e político Caio Pompeu de Toledo (1943-1994). Quando ele se candidatou a deputado federal em 1974, **7** convidou Mãe Iraildes para trabalhar na sua campanha.



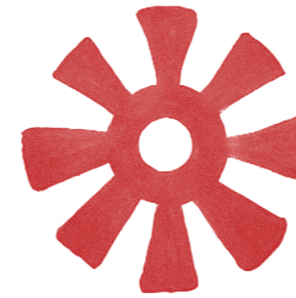
Mãe Iraildes vestida de noiva. Club Homs, São Paulo. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, década de 1960.



Mãe Iraildes Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, década de 1980.

Em troca, ele lhe prometeu um trabalho no Posto Telefônico de Pinheiros. O acordo foi feito e cumprido. Após a vitória do patrão, a Iyá se tornou a primeira telefonista do Largo de Pinheiros. “Quando eu deixei de trabalhar em casa de família, parecia um sonho realizado na vida”, lembra-se ela. Durante os 21 anos em que trabalhou na Telefônica, noivou, casou e teve dois filhos biológicos, Fábio e Samara, além de outros cinco de criação.

Assim como outras tantas migrantes que buscavam mais estabilidade para criar sua família em meio à falta de moradia nas áreas centrais das cidades e às constantes expulsões em função das transformações urbanísticas, Mãe Iraildes saiu de sua casa na Bela Vista, bairro negro do Bexiga, e comprou um terreno em Novo Horizonte, no município de Carapicuíba. Foi o dinheiro da indenização da Telefônica que possibilitou que Mãe Iraildes comprasse esse terreno e também a fazenda de cacau em que viveu com sua família na Bahia, ali onde Rosinha foi enterrada e virou “raízes sagradas”.



Ananse Ntontan
A teia de aranha

4 O terreiro Ilê Asé Nitánirê

Então um território tradicional é basicamente isso. Quando a gente se instala num espaço, junto com esse espaço a gente instala toda a nossa existência, a gente cria novos, novas gerações a partir do que já está ali empregado. 8

Nos anos de 1980, quando seus filhos ainda eram pequenos, Mãe Iraildes conseguiu comprar um lote de um antigo sítio, em Carapicuíba, município da Região Metropolitana de São Paulo (denominação criada em lei de 1973), àquela altura ainda com poucas ligações de transporte com a capital. “Eu precisava de um lugarzinho pra mim”, ela afirma. Lá cavou um poço e construiu um “barraco de tauba”, com dois cômodos, cobertos por telhas Eternit. Com isso, conseguiu deixar de pagar aluguel e iniciar a luta pela valorização das tradições de matriz africana, passando a residir em uma localização mais adequada para as práticas do candomblé, com mais espaço e natureza.

Naquela época, o bairro Novo Horizonte se localizava na zona rural, com grandes áreas de vegetação, rio a céu aberto (hoje canalizado) e ruas de terra, que ficavam enlameadas pela chuva e, conseqüentemente, sujavam os sapatos. Havia poucos moradores e nenhum transporte público por perto. Por isso, conta Mãe Iraildes, era muito difícil chegar em Carapicuíba:

A gente, pra vir pra cá, só tinha Osasco pra vir. Ia até Osasco, subia de TL [carro Volkswagen 1600 Touring de Luxo, fabricado no Brasil entre 1970 e meados de 1975], ou de APF [empresa de transporte], ia no final

8 Mãe Zana, em entrevista dada na Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damiano de Carapicuíba, em 8 de março de 2023.

do Jardim Santo Antônio. Do Jardim Santo Antônio ia pro [quilômetro] 18. Lá no 18 pegava um trem, aquele trem bem velho, que hoje é café-com-pão-bulachão [fala ritmada como barulho de trem].

Em 1979, o terreiro Ilê Asé Nitánirê organizou a primeira celebração em homenagem a São Cosme e São Damião, no município de Carapicuíba. Vera, hoje Ekedí da casa, quando veio à primeira festa em busca de doces, tinha 14 anos de idade. Junto com Clemilda, trabalhavam para Mãe Iraildes, mas ela ainda não frequentava as festas religiosas do terreiro — algo que ocorreu aos poucos, por aproximação espontânea. Vera se lembra do processo de construção do “barracão”: “Não tinha essa estrutura, era apenas um terreiro vazio. Então, a gente — a gente fala ‘a gente’, colocando todo mundo que ajudou — começou com um bloco, começou com o ferro, com o cimento”. Com a vinda de Mãe Joaquina para São Paulo, mãe e filha começaram a atender no barraco: “Atende um, atende outro; benze um, benze outro”, diz a Madrinha, fazendo alusão ao movimento de pessoas em torno delas.

Um dia, o dono do loteamento proibiu a existência de “barraco de tauba” em sua propriedade. Sem se abalar e sempre encontrando um caminho, Mãe Iraildes então fez um acordo com a Telefônica e conseguiu receber uma quantia que viabilizou, aos poucos, a construção de sua casa. Primeiro, fez dois cômodos e bateu laje. Com o tempo ampliou sua casa e fez sala de chegada, sala de estar, sala de jantar, cozinha e três dormitórios.

Depois, construiu o terreiro, o primeiro do bairro e o mais antigo ainda em funcionamento. **9** A construção foi em mutirão: juntaram-se à Mãe Iraildes o pessoal que frequentava a casa — pais, mães, filhos e filhas de santo —, e mais seis pessoas da comunidade, para erguer as paredes! “Foi muito gostoso!”, lembra-se a Iyá.

O terreiro foi construído “com as possibilidades, sem ter ferragem, sem ter coluna”. Isso foi no tempo do Prefeito Faustino. **10** Ele mandou um arquiteto para desenhar e fazer as plantas do terreiro: “As casinhas de Exu, as casinhas de fora, eu tenho planta aprovada”. Outros tem-

9 Em 2021, o vereador Professor Ladenilson José Pereira, do MDB, realizou o pedido de tombamento do terreiro de Mãe Iraildes em nível municipal (Indicação 858/2021), mas o projeto não foi aprovado.

10 Antônio Faustino dos Santos (1920-2005) foi Prefeito de Carapicuíba em dois mandatos: de 1965 a 1969 e de 1978 a 1983.

pos! O terreiro Ilê Asé Nitánirê é uma continuidade da tradição de Mãe Joaquina em muitos aspectos. Até algumas plantas que eram cultivadas por sua mãe na Bahia vieram na bagagem para Carapicuíba e continuam a ser cultivadas por Mãe Iraildes, como, por exemplo, a ora-pro-nóbis: **11**



Ora-pro-nóbis

11 Com o nome científico *Pereskia aculeata*, a ora-pro-nóbis, que significa “roga por nós”, é uma espécie nutricionalmente muito rica, utilizada em diversas regiões do país. Ela entra na lista de Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs), apesar de ser vegetal muito conhecido em territórios rurais e periféricos. No candomblé, a ora-pro-nóbis é amplamente usada em processos de descarrego e limpeza. No uso caseiro, suas folhas atuam como emolientes.

Quem disse que ora-pro-nóbis tem a serventia que ele tem? Cheia de espinho como é, dá até medo de pegar, que o espinho dele é remoso, se espeta, e em compensação é bom pra várias partes do nosso corpo, várias, várias, várias. De ferida, infecção, coração, fígado, rim. É uma erva que chama pra tudo e que minha mãe usava muito. Essa erva já vem da minha avó.

Com o crescimento da cidade, a urbanização do município restringiu os espaços dos terreiros para a construção de calçadas, ruas asfaltadas, canalização dos córregos, entre outras obras. No entanto, a Iyá, dentro da tradição, presta auxílios espirituais, mágicos e curativos, promove procissões para alcançar promessas, orienta sobre Cosme e Damião, joga búzios, tira Ebós, cultua Babá Egun, Egbé Òrun, ritualiza o Bori e faz a iniciação ou “Feitura de Santo”.

Entre 1980 e 1981, Mãe Iraildes, depois de ter trabalhado na Telefônica, teve vários comércios na cidade de Carapicuíba, como açougue, avícola, bazar e “tinha o sonho de ter uma casa de vela”, isto é, uma loja de artigos religiosos, especialmente com itens utilizados em terreiros de candomblé e umbanda. Para isso, alugou um salão na Avenida Inocêncio Seráfico, no número 1813, na Vila Silva Ribeiro, região central de Carapicuíba, onde Clemilda e Vera — fundamentais na organização da Festa de São Cosme e São Damião — trabalharam durante muito tempo. Dois anos depois de ter a Casa de Velas, Mãe Iraildes conseguiu comprar a propriedade da casa onde mora até os dias de hoje, nos fundos do lote.







◀ **Saída do cortejo da Festa de São Cosme e São Damião.** Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

Cortejo de São Cosme e São Damião pelas ruas de terra. Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

Cortejo da Festa de São Cosme e São Damião, com bengala de flores e andor enfeitado. Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

▶ **Festa de São Cosme e São Damião.** Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

O caruru da Festa de São Cosme e São Damião. Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

Muitas mãos cortando o bolo do pescador da Festa de São Cosme e São Damião Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

Mãe Iraíldes, emocionada, celebrando a festividade. Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.

Erês brincam com o bolo na Festa de São Cosme e São Damião. Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, década de 1980.











5 Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião

Como desdobramento das atividades do terreiro, Mãe Iraildes fundou, em 2016, a Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, cuja missão, segundo divulgação da organização, é ajudar “crianças, jovens e famílias em situações de vulnerabilidade social através de iniciativas assistenciais, culturais e socioeducativas que visam combater a fome e promover a defesa dos direitos sociais e o exercício da cidadania”. Nota-se que as comunidades mais carentes têm um perfil demográfico particular, com grandes contingentes de população preta e parda, que, na maioria das vezes, vieram de processos migratórios provenientes de fazendas no interior do Estado de São Paulo ou do Nordeste.

Mãe Zana, falando do Ilê Asé Odé Ibualamo, descreve o terreiro como uma centralidade para a comunidade do entorno, uma favela que existia ali no momento de formação da casa. Seu Ilê era espaço de festas, de alimentação e de afetividade, promovendo pertencimento mesmo àqueles que não eram da religião. Em suas palavras, “a favela é o terreiro, o terreiro é a favela”. Ainda na mesma ocasião, a Iyalorixá destacou que um dos fatores de identificação entre sua mãe — fundadora do terreiro — e a comunidade da região era a origem comum: “(...) A maioria das pessoas que vivem ali [no entorno do Ilê Asé Odé Ibualamo] e que ainda estão ali são nordestinos. E um nordestino reconhece o outro pela fala, pelo jeito, pelo acolhimento”.

Ainda no Ilê Asé Odé Ibualamo é possível ver mais da formação dessa rede territorial, a partir da trajetória de seus integrantes. Enquanto a família de Mãe Zana veio do Nordeste, a Iyabassê Sueli — que também contribui, especialmente na cozinha, para a realização da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba — percorreu outro caminho.



Hene
Rei de todos os
desenhos adinkra

A primeira Iyabassê do Ilê Asé Odé Ibualamo, Tia Maria, assim como seus fundadores, veio da Bahia. Já Dona Sueli, sua sucessora, nasceu em Junqueirópolis, município do interior de São Paulo, próximo à divisa com o Mato Grosso do Sul. A mudança de estado, quando Sueli tinha seis anos de idade, deu-se em função das dificuldades enfrentadas pela mãe no trabalho na roça. Primeiramente, a família foi para Osasco, também na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), e depois comprou um terreno num loteamento no município vizinho, Carapicuíba, onde Dona Sueli reside até hoje, com filhos e netos.

A rede se expande ainda mais, quando olhamos para a própria fundação da Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba. O terreno da Associação, vizinho ao terreiro, foi doado pelo Sr. Paulo — como a Iyá nomeia —, integrante de família japonesa, proprietária de pastelarias em Osasco, em agradecimento à resolução de uma questão complicada que ele tinha no Japão. A Madrinha já tinha outras relações com a família, uma das muitas linhagens de japoneses que se assentaram em Carapicuíba ao longo do século 20. “Foi graças a Deus, aos Orixás, a Babá Egum” e à Mãe Iraildes que o Sr. Paulo conseguiu se livrar do problema!

Movida pela história de Rosinha, a Iyá sempre pensou em ter um lugar para distribuir alimentos para a população vulnerável de Carapicuíba. O Sr. Paulo, que já era doador da Festa de São Cosme e São Damião, conhecia a missão de Mãe Iraildes e sempre se dispôs a ajudá-la, pois considerava a importância de seu trabalho e de suas lutas. Primeiro, ele ajudou Iyá a tirar uma carta de motorista, depois doou um Fusca branco para que pudesse ir até o Ceasa comprar alimentos e distribuí-los para as famílias pobres.

No entanto, o grande presente veio ainda na década de 1980, exatamente no dia 27 de setembro, dia da Festa de São Cosme e São Damião. Quando as crianças já estavam sentadas para comer o caruru, o Sr. Paulo lhe entregou a escritura do terreno para que ali fosse construída a Associação Cultural e Assistencial de São Cosme e São Damião. A mão de obra, o material e a laje foram doados pelo filho de um Caboclo Pena Branca. A história da fun-

dação e construção da Associação, assim como seu funcionamento desde então, ilustram a relevância da coletividade para a comunidade articulada em torno da Iyalorixá Iraldes, aspecto fundamental da cultura tradicional de matriz africana, que marca também as relações da população em geral em territórios periféricos e negros.

Desde sua fundação, a Associação tornou-se uma referência no combate à insegurança alimentar e contribui, de modo incisivo, para a diminuição da desigualdade social, com a distribuição de alimentos. As palavras do *folder* da Associação, de 2024, mostram como a missão da entidade reverbera os próprios aspectos fundamentais da Festa de Cosme e Damião:

O grupo [da Associação] oferece oficinas culturais, promove a economia criativa através da produção de roupas e acessórios de moda afro, gera renda para famílias carentes com projetos de sustentabilidade como reciclagem e fabricação de vassouras a partir de garrafas pets, além de realizar arrecadação e distribuição de alimentos e outras ações socioassistenciais e a realização da tradicional Festividade de São Cosme e Damião de Carapicuíba há 45 anos [em 2024].

A fundação da Associação coroou as ações de solidariedade que Dona Joaquina e Mãe Iraldes já realizavam há décadas e impulsionou sua continuidade e fortalecimento, impactando a cidade como um todo, independentemente dos credos religiosos. O calendário de celebrações realizadas na Associação inclui datas comemorativas de candomblé e das religiões católicas. Além da Festa de São Cosme e São Damião, a Associação promove o Dia das Mães, com feijoada, entrega de cestas básicas e brindes; e no Dia da Páscoa, em parceria com o Instituto Cacau Show, promove tanto a distribuição de ovos de chocolate como uma tarde de brincadeiras, lanches e brinquedos para milhares de crianças de diversas comunidades do município. No final do ano, acontece a Festa de Natal, ocasião

em que Mãe Iraldes também distribui brinquedos para as crianças carentes, além de cestas básicas.

Como um gesto de agradecimento ao Senhor da Terra, Obaluaiê, todo agosto Mãe Iraldes entrega cestas e distribui pipocas e pães para as famílias de Carapicuíba, reforçando os laços de solidariedade entre as moradoras e os moradores. Seguindo seus preceitos, diz a Iyalorixá, “vamos continuar dividindo o pão e espalhando o amor”. Na luta direta contra a fome, Mãe Iraldes também promove almoços aos domingos, feijoadas beneficentes, distribuições mensais de cestas básicas, frutas, produtos de limpeza, entre outras doações. Conforme comentou Fábio, cheio de orgulho: “Minha mãe já acabou com a fome de muita gente”. E, podemos adicionar, ela segue muito firme no propósito de fazer as crianças felizes.



Mãe Iraildes faz doação de cesta básica. Programa Fome Zero, ação promovida pelo Ilê Asé Nitánirê. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, 2003.

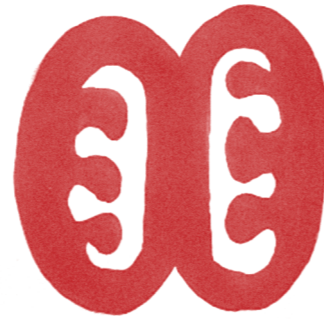


Festa de Natal. Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, São Paulo. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, 2004.

6 Articulações, redes e lutas políticas

Mãe Iraíldes conheceu a Mãe Zana de Odé em 2001, quando a Madrinha foi entregar artigos religiosos comprados na Casa de Velas no terreiro Ilê Asé Odé Ibulamo, em Carapicuíba. Desde que se conheceram, tiveram uma ligação muito forte e estabeleceram vínculos de amizade, respeito e solidariedade. Juntas, lutam até hoje por políticas que beneficiem os povos de matriz africana no município de Carapicuíba e sua população como um todo. Sempre que possível, trazem à tona apagamentos, silenciamentos e violências sofridos, historicamente, pelos afrodescendentes em sucessivos governos municipais, estaduais e federais. Sobre Mãe Zana, diz Mãe Iraíldes: “O mais importante: ela sempre lutando pelos povos de tradição de matriz africana. [...] E aí, conhecendo ela e vendo que ela é uma pessoa muito, muito assim, vamos dizer, avante à tradição, aos movimentos, os movimentos negros de tradição de matriz africana”.

As ações das Iyalorixás foram incisivas, não apenas no município de Carapicuíba, como também modificaram as políticas públicas elaboradas na esfera federal. Em 2005, Mãe Iraíldes participou da 1ª Conferência Nacional de Igualdade Racial (CONAPIR), em Brasília, e, ao lado de Mãe Zana, fizeram parte da elaboração do Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/2010) no Brasil. Aproximaram-se também da Conferência de Durban (III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas), que aconteceu em 2001, na África do Sul, iniciativa que estimula a igualdade de gênero na construção de cidades inclusivas através de ações colaborativas no espaço urbano, que valorizou a contribuição dos povos bantos. Há alguns anos, participam do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos de Matriz Africana (FONSANPOTMA) e fortaleceram outras



Se Ne Tekrama
Os dentes e a língua

idades, além de Carapicuíba — como Osasco, por exemplo —, evidenciando a importância de outros terreiros. Ao falar de suas atuações junto à Mãe Zana, a Madrinha retoma a história da morte de Rosinha, mostrando a articulação entre povos tradicionais de matriz africana e a população em geral, no combate às desigualdades:

Naquela época, eu viajava muito, né. Porque hoje eu estou quieta. Mas eu viajava muito pra Brasília nas conferências, municipal, estadual, nacional... E fui várias vezes na Marcha das Mulheres. Fui várias vezes em movimentos negros. E pela tradição mesmo, representar. Pelo COMSEA, que é o Conselho de Segurança Alimentar, Nutricional e Saudável. Por que eu me interessava muito pelo COMSEA? Porque é o alimento. Eu conheço do COMSEA, saúde, paz, amor, alimentar os necessitados. Quem me fez amar o COMSEA foi uma morte que eu vi na Bahia — eu com 8 anos de idade.

Ao participar do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional (COMSEA), Mãe Iraíldes afirma o seu compromisso de construir políticas públicas de segurança alimentar e nutricional, além de garantir o Direito Humano à Alimentação Adequada (DHAA), contemplado na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 e na Constituição Federal Brasileira, abrangendo a dimensão de estar livre da fome e de ter acesso à alimentação adequada e saudável, promovendo, de acordo com os objetivos do Conselho, “sistemas alimentares justos, antirracistas, antipatriarcais e sustentáveis”, objetivo das conferências do Conselho.

O Sr. Gerson Neris da Silva, que há mais de 4 anos é voluntário na Associação, trabalha na logística da Associação e na articulação das lideranças comunitárias, reforça a importância do COMSEA, do qual é conselheiro:

Aí a gente trabalha vendo a dificuldade das pessoas do município, que são carentes, né? Aonde a gente

trabalha focado em diminuir a fome aqui no nosso município, melhorar, a gente cobrar os nossos gestores da nossa cidade pra olhar pras associações e igrejas e, principalmente, olhar pro COMSEA do nosso município que tem um papel fundamental no Brasil e em cada cidade desse Brasil. Aonde tem que ser mais divulgado o COMSEA, tem que ter mais conferências nos municípios. Os municípios têm que conhecer esse papel das associações e igrejas [...].

Atualmente, explica o Sr. Gerson, o COMSEA está cobrando dos gestores de Carapicuíba a implantação de um Banco de Alimentos:

[O Banco de Alimentos] é um local de armazenagem com pessoas qualificadas, com uma nutricionista, onde esse material que chega de doação, diversos materiais que chegam — frutas, verduras, alimentos, cesta básica —, é inspecionada por essa nutricionista junto com a equipe de separação. Aonde nesse Banco de Alimentos, é feito o cadastro com as pessoas das igrejas, associações, líderes comunitários aonde fazer o trabalho que tenha forte a distribuição desses alimentos.

A criação do Banco de Alimentos em Carapicuíba permitirá que a distribuição dos alimentos seja feita com base no cadastro das lideranças das associações, igrejas e comunidades. Segundo o Sr. Gerson, a Prefeitura do Município de Osasco tem um Banco de Alimentos que funciona tão bem que se tornou referência de política pública. **12** Ele chama a atenção para a importância desse trabalho de Mãe Iraildes e comenta: “A gente precisa de mais parcerias, parcerias mesmo de empresas, supermercados, de gestores, sabe? De empreendedor. A gente precisa de muitas parcerias”.

Dentre as numerosas atuações políticas da Associação, destacam-se também a formação da maioria dos conselhos da cidade, a participação e elaboração das legislações, o debate do Plano Diretor de 2011 a partir de

12 A Secretária Executiva de Segurança Alimentar, Sustentabilidade e Inovação Social (SESAN), gestora do Banco de Alimentos da Prefeitura de Osasco, alcançou a marca de 158.623 kits e cestas de alimentos distribuídos em 2024, beneficiando mais de 20 mil pessoas em situação de vulnerabilidade social e insegurança alimentar no município. Olga Liotta, “Banco de alimentos de Osasco beneficia mais de 20 mil pessoas em 2024”, Prefeitura de Osasco, osasco.sp.gov.br/banco-de-alimentos-de-osasco-beneficia-mais-de-20-mil-pessoas-em-2024/.

13 Mãe Zana de Odé em entrevista dada na Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, em 8 de março de 2023.

um recorte étnico e a aprovação de leis na Câmara Municipal. Trata-se do primeiro grupo político formado por povos de matriz africana que criou uma legislação de desenvolvimento sustentável, de modo a assegurar educação, saúde, soberania alimentar e seguridade, além da proteção dos territórios. Nas palavras de Mãe Zana:

[...] A gente conseguiu que Carapicuíba fosse a primeira cidade do Brasil que tivesse tido uma legislação específica para os povos de matriz africana. Essa legislação foi escrita por nós, dentro da casa da Mãe Iraildes, numa tarde chuvosa, reunimos as representações dos povos, né, bantos, jejes [...], iorubanos e redigimos essa legislação, que a gente já tinha formado, porque lá tinha a questão de soberania alimentar dos povos. E construímos o primeiro plano de desenvolvimento sustentável para povos de comunidades tradicionais de Carapicuíba. **13**

Ao longo dos anos, as atuações de Mãe Iraildes junto às comunidades de Carapicuíba vêm sendo oficialmente reconhecidas, o que se traduz pelas homenagens recebidas. Em 2021, ela foi saudada pela Câmara Municipal de Carapicuíba na comemoração da Semana da Mulher (criada pela Lei Ordinária 3.710 de 13 de maio de 2021). No ano seguinte, recebeu o título honorífico Doutora Honoris Causa concedido pela Faculdade de Formação Brasileira e Internacional de Capelania, pelas diversas ações cotidianas empreendidas pela Iyalorixá, que abrangem os esforços pela manutenção e preservação da cultura e religiosidade de matriz africana iorubá em terras brasileiras. Em 2023, recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Ordem de Capelães do Brasil e da Faculdade Febraica, que reconheceu suas lutas contra o racismo e a intolerância religiosa na cidade de Carapicuíba. Nesta solenidade Iyá Iraildes recebeu a honraria de Comendadora, uma condecoração honorífica de ordem política e religiosa, com a presença do Rei de Ifé, cidade que é berço da etnia iorubá na Nigéria, além do professor e vereador Naldo, do vereador Emerson de Osasco, de Alexandra Pontieri (Secretaria Executiva de Políticas e Promoção da Igualdade Racial de Osasco), entre tantas outras pessoas convidadas.



Mãe Iraildes e Mãe Zana, uma amizade que atravessa os tempos. Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Gongogi, Bahia. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, 2010.



Mãe Iraildes participa de campanha contra o feminicídio e o racismo. Embu das Artes, São Paulo. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, 2015.



Pronunciamento de Mãe Iraildes em Audiência Pública em apoio à Frente Ilê Odé Ibualamo. Câmara Municipal de Carapicuíba, Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, Tiago Kinzári, 2023.



Aya
Samambaia



Em agradecimento a Obaluaiê, Mãe Iraildes distribui pães, pipoca e amor para a comunidade. Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, Tiago Kinzári, 2023.

7 Salve São Cosme, São Damião, Obaluaiê e Babá Egun!

No ano de 1994, Mãe Iraildes teve um problema de saúde, “muito grave, muito doído”, que a levou a ficar semanas internada no hospital. Pela primeira vez, pensou que tinha que cancelar a Festa de São Cosme e São Damião. Foi diagnosticada pelo Dr. Almir com uma fístula liquórica, que consistia no “vazamento” do líquido que circula ao redor do cérebro e da medula. Para os médicos, a única chance de recuperação seria fazer uma operação arriscada na cabeça. A Iyá se preocupava com as possíveis consequências da cirurgia: “Sabia que podia até ficar viva, mas não ia saber que dia era sábado ou domingo, que era noite ou que era dia”. Além disso, o tratamento demandava que a Madrinha vendesse sua casa para cobrir as despesas médicas e hospitalares, colocando em risco também a continuidade de seu trabalho cultural e assistencial, bem como a extensa rede que dele se beneficia na cidade.

Vivendo um verdadeiro dilema, Mãe Iraildes ajoelhou-se em frente a São Roque, associado ao Orixá Obaluaiê, “o homem da pipoca, médico das doenças curável e incurável”, e Babá Egun — “que eu não esqueço o nome deles” — e fez seu pedido. A Iyá prometeu que, em caso de cura da enfermidade sem precisar “abrir a cabeça”, iria a Gongogi e daria água para as casas que não têm abastecimento, telha para as duas ou três casas com cobertura de palha e materiais para refazerem duas casas de pau a pique.

Gente, se vocês nunca viram milagre, esse foi um! Estava um sol, eu estava muito ruim aqui, eu subi aí pra cima, com aquela água [na cabeça]. Naquilo eu passei mal, passei mal e caí. Naquilo que eu caí, quando eu voltei, a água desapareceu!

Quando ela voltou ao hospital para fazer exames de tomografia, o Dr. Almir notou que o líquido tinha desaparecido da cabeça e, portanto, a operação não era mais necessária. Logo depois, entretanto, Mãe Iraildes teve meningite. O médico se reuniu com sua mãe, Clemilda e Vera e disse que a Iyá não tinha muita chance de sobreviver. De volta ao hospital, Mãe Iraildes soube pelo médico, inconformado, que “a meningite curou a fístula”. Seu caso ficou famoso e foi estudado por muitos anos pela comunidade científica pela excepcionalidade da cura. Como disse Mãe Iraildes, que acabou dedicando a Festa de Cosme e Damião naquele ano para a “vitória e o milagre”:

Vem cientista, vem tudo, e eu estou viva. E eu estou viva. [...] Tenho que agradecer muito a São Cosme, São Damião, Obaluaiê e Deus, primeiramente. E minha tradição de matriz africana. Então, a vida espiritual mostrou dentro de mim que a tradição de matriz africana cura.

60

Para pagar a promessa, Mãe Iraildes foi para Gongogi com o intuito de pagar a promessa feita e organizar uma procissão em agradecimento à recuperação de sua saúde. Seu álbum de fotografias tem o registro da Festa de São Cosme e São Damião desse ano, feita em “prol do Obaluaiê e em prol de sua saúde”. Encontra uma fotografia e mostra a sua filha, com 10, 12 anos (hoje com 48 anos), segurando o cajado do Obaluaiê. Naquele dia, “a igreja da cidade de Gongogi abriu as portas para que entrasse a procissão de Obaluaiê, que, na igreja católica, é São Roque e São Lázaro”, narrou Mãe Iraildes.

Feita a procissão em agradecimento à saúde recebida, Mãe Iraildes vendeu o cacau da roça para pagar a promessa na pequena cidade de Gongogi. A respeito de uma casa que era um barraco de lona preta, diz ela,

[...] Desmanchei e fiz a casinha da velhinha. Pus água nas casas com o pessoal. Pus água em umas

oito casas. Mande instalar água. A pessoa não tinha condição de instalar água, que era caro. A pessoa carregava água no pote e na lata da cabeça. Água no pote e água na lata. Do rio pra dentro de casa. E as casas, aquelas de taipa, que estavam na pior situação, eu dei bloco pra fazer as casas.

Mãe Iraildes lamenta o fato de ter tanta gente que “chuta a tradição, diz que não presta”, sem conhecê-la, sem saber o “poder da ancestralidade”. Entre muitas mudanças, feitas ao longo das décadas pela Madrinha, com auxílio sempre presente de Mãe Zana, Vera e Clemilda, no intuito de ampliar cada vez mais o acesso e o impacto da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, a celebração mantém elementos importantes das tradições nas quais está ancorada: os preceitos do candomblé, o fomento da solidariedade entre a comunidade, o cuidado com as crianças e a luta pela segurança alimentar.

61



◀ **Coleta de cacau para venda e pagamento de promessa pela recuperação da sua saúde.** Fazenda Petrolina, comprada por Mãe Iraildes, onde se estendem as raízes sagradas de Rosinha em Gongogi, Bahia. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, década de 1990.

Procissão para agradecer a recuperação da saúde. Campo de futebol de Gongogi, Bahia. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, década de 1990.

Mãe Iraildes. Teresina. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, 2000.

**Cosme e Damião,
Damião, cadê Doum?
Doum foi passear
lá no cavalo de Ogum
Cosme e Damião,
Damião, cadê Doum?
Doum foi passear
lá no cavalo de Ogum
Dois dois sereias do mar
Dois dois mamãe lemanjá
Dois dois sereias do mar
Dois dois mamãe lemanjá ¹⁴**

¹⁴ Um dos cantos da Festa de São Cosme e São Damião.



PARTE 2

A Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba

Ntesiematemásie
Eu ouvi e guardei



1 Os vários lugares da festa e sua dimensão pública

Ao longo das décadas em que a celebração acontece na cidade de Carapicuíba, a partir do Ilê Asé Nitánirê, é possível observar a tomada de dimensão pública da festa, por conta das mudanças no seu local de realização. Essa transformação, aliada à preservação de elementos da cultura tradicional de matriz africana, espelha a própria missão de sua fundadora, inspirada pela morte da menina Rosinha, atingida pela fome crônica que cercava a vida de crianças e adultos no Nordeste, nos tempos em que Mãe Iraíldes cresceu — e nunca deixou de ser uma preocupação central para esse e outros territórios empobrecidos e desiguais no Brasil.

68

Quando tinha seis anos, em 1956, a menina Iraíldes, pela primeira vez, sentou-se no chão com outras crianças para comer caruru em homenagem a São Cosme e São Damião, na casa da mãe da Madrinha, no município de Aurelino Leal, na Bahia. Mãe Joaquina era filha única, mãe das gêmeas Edinalva e Edinália, e, por isso, uma mulher muito devota a Cosme e Damião. Invariavelmente, no dia 27 de setembro, celebrava com as famílias de Gongogi, fazendo caruru e chamando todas as crianças. “Sete crianças, sentava a mesinha com sete crianças, sete pratos, e ela dava o caruru, porque ela criava o frango pra isso. [...] Tudo aprendi com minha mãe. A gente aprende de tanto ajudar a fazer.” **15**

Para isso, preparava a festa com muitos meses de antecedência: criava os pintinhos, colhia banana-prata e, no dia, fazia uma grande quantidade de comida e doces para distribuir, com fartura, para a criançada. Lembra-se Mãe Iraíldes:

[...] Eu acompanhava ela criança, aqueles frangozinhos, pra 27 de setembro ela fazer o caruru.

◀ Mãe Iraíldes no centro da 42ª Festa de São Cosme e São Damião. Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Acervo de Mãe Iraíldes, Osni Dias Vieira, 27/09/2022.

15 “As sete crianças representam os santos Cosme e Damião, acompanhados por seus ‘irmãos’: Douú (também chamado Doum ou Dois-Dois), Alabá, Crispim, Crispiniano e Talabi.” Stefania Capone, “As crianças divinas: ibejis, erês e egbé òrun nas religiões afroatlânticas” in Menezes, Freitas e Bártolo (orgs.), *Doces Santos*, p. 292.

Taioba lá, bredo, olho de mandioca — é muito importante, é feito o caruru. Distribuía pra aquelas crianças. Que é o dia que as crianças, acho que mais comia na vida, na roça, era o dia do caruru porque comiam à vontade.

Quando Mãe Iraíldes voltou a Gongogi para visitar sua mãe e poder ajudá-la na Festa de São Cosme e São Damião, Mãe Joaquina disse: “Lai [como é conhecida na Bahia], minha filha, a partir de hoje, essa missão é sua. Prometi pra São Cosme que eu, com 20 anos, eu entregava a missão e você vai cumprir, né, minha filha? Eu vou acompanhar, vou acompanhar a sua missão”. A partir daí, “ela me acompanhou, e me acompanha e toda vez que ia dar o caruru, eu tava aqui”.

Mãe Iraíldes deu sua primeira Festa de São Cosme e São Damião em Gongogi. Lá não tem lugar fixo para se dar a festa. Ela pode ser feita na porta da casa da Iyalorixá, em seu terreiro ou em espaço aberto, como no caso do campo de futebol, onde foram feitas duas grandes festas. Os doces eram enfeitados pelas crianças que, segundo Vera, corriam buscando flores e plantinhas no mato. “A Prefeitura de lá, diferentemente de Carapicuíba, emprestava tudo, panela [...]. Naquela época, os caminhões de refrigerantes, a Coca-Cola mesmo deixava tudo as caixas, depois ia buscar. Era muito gostoso, muito gostoso!”, lembra-se ela. Na festa da Bahia, tinha que ter muita comida, além dos doces e dos brinquedos. Todos se alimentavam na festa e as famílias ainda levavam comida para suas casas.

Em Carapicuíba, a Festa de São Cosme e São Damião foi celebrada a partir da construção do Ilê Asé Nitánirê, pela devoção de Mãe Joaquina, e ampliada por Iyá Iraíldes, garantindo a continuidade da missão de sua mãe. Nas primeiras celebrações, o filho de Mãe Iraíldes, Fábio, era pequeno, mas se lembra da chegada dos participantes, vindos de vários lugares, se deslocando de ônibus até uma fábrica de gelo da região e, de lá, andando a pé no meio do mato até chegar no terreiro Ilê Asé Nitánirê, em Novo Horizonte. De lá saía o cortejo pelas ruas de terra, com todos vestindo branco e carregando o andor enfeitado

69

do de flores com as imagens de São Cosme, São Damião e Doum. A procissão “saía pela direita, subia, rodava [...] duas ruas em cima, voltava e saía, [com] aquele cajado de flores. [...] A Madrinha encomendava numa floricultura no [quilômetro] 18, em Osasco, a gente ia buscar. Então era todo enfeitado de rosas e tal”, descreve Vera.

O andor foi trazido especialmente do terreiro da cidade de Gongogi para o terreiro de Carapicuíba, acentuando a confluência e a continuidade de práticas e rituais ancestrais em territórios sacralizados. “O primeiro dia que eu coloquei a procissão no Jardim Novo Horizonte, que foi de lá que saiu, pra mim foi um dia muito emocionante!”, diz Mãe Iraildes. Um dos cantos que abrem a festa até hoje indicam a importância da procissão e sua relação com o culto católico dos santos:

Senhor São Cosme fazendo sua romaria
Senhor São Cosme fazendo sua romaria
Com a fé em Deus e da Virgem Maria.

70

Num desses anos da década de 1980, terminada a procissão, os Filhos de Santo começaram a dar doces e brinquedos para as crianças que passavam na calçada, em frente ao terreiro. Uma delas queria pegar um doce, quando a mãe se virou e falou: “Isso aí é coisa de macumbeiro, de feitiçaria, pessoas que seguem Satanás! Você não vai pegar!”. Como a criança insistia, a mãe bateu na filha, que começou a chorar. A mãe da criança era evangélica e “desfez bastante”, no dizer de Mãe Iraildes. Esse truculento episódio de racismo e preconceito, testemunhado pela Iyalorixá, infelizmente não é raro no Brasil, revelando, de um lado, a intolerância religiosa e, de outro, a violência punitiva contra uma criança que queria, como as outras, comer um doce. A cena da criança chorando, impedida pela mãe de receber o doce, deixou a Madrinha tão sentida que ela decidiu mudar o lugar da Festa de São Cosme e São Damião, para que todas as crianças, sem exceção, pudessem participar, sem precisar excluir do espaço público qualquer segmento religioso, já que todas as fés eram bem-vindas na celebração.

Mãe Iraildes decidiu tornar a festa pública para que crianças evangélicas, católicas, de religiões de matriz africana e todas as outras pudessem participar livremente. “Foi quando daí eu fiz. Aí eu fiz dei de fazer”, disse ela. No ano seguinte, a procissão deixou de sair de Novo Horizonte e passou a concentrar seus participantes na Casa de Velas, no centro da cidade, para dar início ao cortejo que caminhou até o Center Club, o primeiro clube de Carapicuíba, onde foi realizada a celebração. Dito e feito: a estratégia foi um sucesso. “Resolvi um problema na vida das crianças! Foi um dia, assim, que eu me senti muito feliz, quando eu vi crianças evangélicas entrando pra pegar o brinquedo”, disse a Iyá. Assim teve início a tradição de multiplicação da festa, que acontece todos os anos aberta em locais públicos e, em data posterior, dentro do Ilê Asé Nitánirê.

Do Center Club a festa foi para o Ginásio Tancredão [Ginásio Tancredo de Almeida Neves, atualmente Centro de Educação, Esporte, Arte e Cultura] e, de lá, em 2016, passou a ser feita na Associação Nipo-Brasileira, onde se realiza até os dias de hoje, embora Mãe Iraildes sonhe com um lugar mais espaçoso, com espaço externo, que possibilite que as crianças corram, brinquem e vivenciem a festa com mais conforto.

O “Dia de São Cosme e São Damião”, apesar da falta de apoio das autoridades do governo municipal, foi oficialmente consagrado como um marco municipal em Carapicuíba pela Lei 3.392, de 20 de outubro de 2016, que celebra a união das comunidades católicas, evangélicas e das religiões de origem africana, preservando assim a tradição festiva. Aliás, atualmente, a única contribuição da Prefeitura nas festas é possibilitar o fechamento das ruas para liberar o caminho da procissão e a instalação dos brinquedões (cama elástica, pula-pula e piscina de bolinha) para as crianças.

A festa tem início com a procissão que sai da Casa de Velas de Mãe Iraildes e caminha até a Associação Nipo-Brasileira. Na abertura do cortejo desfilam as meninas gêmeas, em representação aos Ibejis, que levam um estandarte com as imagens de Cosme e Damião; na sequência, seguem as detentoras Mãe Iraildes, Mãe Daisy e a Ekedí Vera, o andor

71

de Cosme, Damião e Doum, enfeitado de flores e carregado por quatro homens, os músicos do maracatu, as crianças e as moradoras e os moradores. Enquanto caminham, os participantes do cortejo cantam e dançam, em meio aos fogos, homenageando os gêmeos divinos.

72



As irmãs gêmeas Edinalva e Edinália ao lado de Mãe Iraildes.

46ª Festa de São Cosme e São Damião, Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Amália Cristovão dos Santos, 27/09/2025.



Festa de São Cosme e São Damião. Gongogi, Bahia. Fonte: Acervo de Mãe Iraildes, década de 1990.



Início do cortejo com a saída do andor. 46ª Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Casa de Velas, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.



Crianças em fila para a entrada na Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. 45ª Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

2 Preparativos e vivências da festa

A Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba é um dos eventos originados da cultura de matriz africana no calendário oficial do município desde 2014. Esse reconhecimento marca não apenas a relevância da população negra e candomblecista na cidade, como também sinaliza um dos aspectos centrais da grandiosidade da comemoração: o amálgama entre a tradição, com elementos próprios do candomblé que seguem sendo transmitidos a cada nova geração, e a transformação, que expande os sentidos da celebração, reunindo pessoas e grupos de diferentes credos e classes sociais. Assim como as festividades dos Ibejis nos terreiros, a festa pública liderada por Mãe Iraildes baseia-se também em dois aspectos principais, que são: a celebração das crianças e o compartilhamento de alimentos.

Para realizar a missão — da Festa de Cosme e Damião e de sua vida —, a Iyá cuida de cada aspecto da celebração com carinho e atenção, contando com atuação intensa de Mãe Zana e Vera na organização. Podemos dizer que os elementos que formam a festa, da maneira como vem sendo realizada nas últimas décadas, são: as **crianças**, o **cortejo**, o **bolo**, os **brinquedos**, os saquinhos de **doces** e as **comidas** servidas. Começando pelos meses, semanas e dias de **preparativos**, vamos conhecer cada um dos componentes da celebração, especialmente a partir da **oralidade** de organizadoras e participantes da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba, registrada em falas das dezenas de entrevistas realizadas para a composição deste dossiê.

Os preparativos das festas se iniciam no mês de junho, quando Mãe Iraildes faz sua primeira visita ao Armazém Fernando, uma rede de lojas presente em várias cidades de São Paulo. Até 2015, Mãe Iraildes fazia suas



Distribuição do caruru para os participantes da Festa de São Cosme e São Damião. Terreiro Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Glória Kok, 2024.

compras na unidade da Rua 25 de Março, no centro de São Paulo, arcando com o custo alto do traslado da mercadoria até Carapicuíba. Há mais de 10 anos, começou a frequentar a loja, inaugurada em Osasco pouco tempo antes, o que facilitou bastante o transporte, já que Osasco é município vizinho de Carapicuíba. Nesse período, a Iyalorixá construiu uma relação de confiança e respeito a ponto de, anualmente, receber doações de brinquedos para as festas. Nos últimos anos, ela tem comprado de dois a três mil brinquedos, superando o valor de 20 mil reais.

A escolha dos brinquedos estende-se até setembro. Nesse período, Mãe Iraildes faz várias visitas ao Armariños Fernando, nas quais vai selecionando opções, que ficam guardadas na loja. Poucos dias antes da celebração, no dia 22 ou 23, as mercadorias vão para o caminhão e são entregues na Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba. No dia da festa, ou no anterior, os brinquedos são levados para o galpão e organizados nos fundos do palco, de onde vão sendo trazidos à medida que a distribuição acontece. Givaldo, gerente da unidade da loja de Osasco, acompanha todo o processo: “E a gente sempre concede desconto, porque é uma festa bonita, né? É uma grande ação. E conte conosco. A gente vai estar sempre aqui para ajudar e servir, né? Fazer essa parceria”.

No mês de setembro, Mãe Iraildes realiza também a compra de doces na Doceria Fortaleza, em Carapicuíba, para montar os saquinhos que serão distribuídos para as crianças. “Ela mesma faz a escolha dos doces”, conta o Sr. Gerson. Não podem faltar os doces tradicionais, como doce de banana, doce de amendoim, doce de leite, doce de abóbora, cocada, suspiro, maria-mole e pipoca doce, além dos doces mais industrializados, que as crianças gostam de consumir, como salgadinho, bala, pirulito e geladinho. O preço dos doces cresce a cada ano, impulsionado pelo grande interesse nos meses de setembro e outubro, com as festas de Cosme e Damião e o Dia das Crianças. O grande número de crianças atendidas pela festa atualmente inviabiliza que os doces sejam produzidos no próprio terreiro, o que demandaria ainda mais dias

de preparo e uma logística complexa. Mãe Zana estima que gasta pelo menos mil reais com doces na Festa de São Cosme e São Damião, gerando um movimento financeiro maior do que no Dia das Crianças.

A montagem dos saquinhos de doces é muito importante, criando uma espécie de “linha de produção”, encadeando pessoas unidas por laços familiares, afetivos, espirituais e de solidariedade, cujos princípios são o da equidade, porque cada criança deve receber a mesma quantidade de doces no saquinho, mas também da generosidade, uma vez que a criança recebe um saquinho doado cheio de doces. Antes de dar início à linha de montagem dos saquinhos, na qual cada pessoa fica encarregada da tarefa de colocar alguns doces, Mãe Iraildes deixa os Ebós (oferendas aos santos) perto das imagens de Cosme, Damião e Doum, acompanhadas de flores, velas e dos próprios doces. A montagem é feita nos dois finais de semana anteriores à semana de celebração do 27 de setembro, contando com grande número de pessoas voluntárias da comunidade, animadas pelo ritmo dos cantos entoados, principalmente aqueles aos Ibejis. Mãe Iraildes gosta que os doces estejam nas quantidades certas, respeitando os números pares, próprios da data de celebração dos gêmeos. Quem começa os procedimentos é Mãe Iraildes, que monta o primeiro saquinho, observada por todas e todos. Assim que fecha o saquinho, começam os trabalhos, com ajuda de uma lousa, em que vão sendo marcados os números atingidos, a cada centena de saquinhos. A atividade é acompanhada por cantos diversos, chamando os Ibejis para participar. Em geral, são dois domingos – dia em que mais pessoas conseguem participar –, em que a montagem dura cerca de seis horas. Os saquinhos vão sendo armazenados em caixas de papelão e grandes sacos de transporte, ficando prontos para serem levados ao galpão onde a festa acontecerá. Outro integrante da comunidade que organiza e participa da Festa de Cosme e Damião é Tomaz Oliveira, do Ilê Asé Odé Ibualamo e muito próximo também da Iyalorixá Iraildes. Para ele, esse é o momento de início de seu trabalho.



1, 2 Mãe Iraildes escolhendo os brinquedos e Mãe Iraildes ao lado de Givaldo, o gerente da loja. Armarinhos Fernando, Osasco. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025. **3, 4, 6 Montagem dos saquinhos de doces.** Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2024. **5 Fachada da Doceria Fortaleza.** Loja onde Mãe Iraildes compra os doces para a Festa de São Cosme e São Damião, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Luiza Rovere, 2025.

7 Enfeitando os bolos feitos pela Clemilda. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025. **8 As autoridades tradicionais de matriz africana da 45ª Festa de São Cosme e São Damião.** Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2024. **9, 10 Preparando os acarajés.** Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025. **11 Bryan à espera das crianças no salão pronto.** Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Glória Kok, 27/09/2025. **12 Tudo pronto!** 45ª Festa de São Cosme e São Damião. Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, João Pedro Mancchini, 27/09/2024.

Já o bolo, feito há décadas por Clemilda, é preparado com, pelo menos, dois dias de antecedência. São cerca de trinta fornadas. No dia da festa, cada bolo assado é cortado em duas camadas, que são montadas em uma estrutura de madeira, apoiada sobre uma sequência de mesas, bem em frente ao palco do galpão da Associação Nipo-Brasileira. As camadas de baixo são dispostas em largura dupla e comprimento extenso, chegando a seis ou sete duplas de bolos alinhados. A montagem segue a sequência: a base é regada com refrigerante de guaraná; o recheio, de doce de leite e ameixa, é disposto por cima; é colocada a camada superior; e, por fim, é disposto o chantilly colorido que adorna todo o conjunto, fazendo com que vire um único bolo.

Parte central da preparação da festa é a organização das crianças que irão participar. Meses antes da celebração, começam as reuniões com as lideranças comunitárias, realizadas na casa de Mãe Iraildes, nos fundos da Casa de Velas, em que cada comunidade é representada pela pessoa — principalmente mulheres — que ficará responsável pela seleção, contagem e organização das crianças. Nos últimos anos, cerca de vinte comunidades periféricas da cidade são mobilizadas para garantir a participação de suas crianças. Mãe Zana e Vera dividem as comunidades por um sistema de cores — que facilita sua identificação na chegada e nas atividades da festa —, dão conta do número exato de pequenas e pequenos e distribuem as senhas que serão utilizadas por elas para receberem o lanche e o conjunto de brinquedo e doces.

Entre os preparativos, estão ainda a compra de produtos para a decoração do galpão e do andor, que será conduzido no cortejo. O salão da Associação Nipo-Brasileira fica enfeitado desde o lado de fora, onde um arco de bexigas coloridas recebe as crianças, ao lado de faixas e do *banner* da Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, que indica a edição corrente da festa e estampa a parede do galpão com a imagem de Cosme e Damião, vestidos em verde e vermelho. Dentro do galpão, fitas coloridas e mais balões decoram o salão, além de arranjos de brinquedos e

doces sobre o palco, para animar as crianças! A compra das flores para montagem do andor também é feita com antecedência, pelo menos no dia anterior da festa, e sua finalização acontece pouco antes do cortejo sair, garantindo o frescor dos ramalhetes.

É esse nível de organização que permite à festa crescer e manter sua realização, mesmo em momentos desafiadores, como foi o caso do período da pandemia de Covid, em que Mãe Iraildes promoveu uma espécie de *drive-thru* para que as crianças, de máscara, pudessem retirar seus brinquedos e doces, mesmo com as restrições sanitárias.

3 O dia da festa: as crianças em todos os cantos

Já no dia da festa... Muito acontece nas poucas horas de celebração! E, no centro de tudo, as **crianças**. Desde os anos 2000, a festa acontece em espaços públicos ou cedidos, de grande porte, de modo a acolher as centenas de crianças — e dezenas de adultas e adultos — participantes. A celebração chega a receber mais de duas mil crianças. A cessão de espaço é gratuita, mas todos os demais custos ficam a cargo da comunidade do Ilê Asé Nitánirê, que por vezes conta com a parceria e generosidade de doações. Em 2024, uma doadora ofereceu o financiamento completo dos kits, mas, quando não há essa possibilidade, a organização da festa arca também com esse custo.

84

Em todos os espaços da festa, as crianças têm oportunidades de diversão, brincadeiras e cultura. Espalhadas dentro e fora do galpão onde a festa vem acontecendo, ficam dispostas estruturas de divertimento oferecidas por doadoras e doadores ou financiadas pela comunidade: brinquedões (como cama elástica ou brinquedo inflável), trancistas, maquiadoras e carrinhos de algodão-doce e pipoca. Uma das atrações preferidas são as pessoas vestidas como super-heróis e personagens de filmes e desenhos que circulam pela celebração e com os quais as crianças brincam, interagem e tiram fotos. A animação é grande, e as crianças estão na mente de todas e todos que constroem a celebração. Bryan William, Ofacilomy, herdeiro do Ilê Asé Odé Ibualamo —, nascido em Carapicuíba, conheceu Mãe Iraildes quando tinha cerca de 5 anos de idade e destaca a atenção da Madrinha com as crianças. Nas palavras de Bryan, se vê a importância da festa para as crianças, a partir da perspectiva de alguém que participa da celebração desde que acontecia em frente à Casa de Velas, marcando a paisagem e a vida das pessoas:

Lembro até hoje — isso eu lembro! — do primeiro dia que eu vi ela [Mãe Iraildes]. Minha tia foi na Bahia e, quando voltou, voltou com ela. E desde pequenininho eu lembro que a Madrinha já fazia essa festa de Cosme. Na época que a gente conheceu ela, ela fazia ainda na loja [Casa de Velas São Cosme e Damião], na frente da loja. Ela parava a frente da loja e ali ela fazia um bolo. Acho que antigamente era um pouco menor, mas era um bolo grande! Tinha os brinquedos, que ela já dava também. Tinha o doce... Eu lembro que a Madrinha, quando a gente era pequeno — que ela tava assim mais ativa —, eu lembro que ela fazia muita bagunça com a gente! Ela jogava sacos e sacos de doce, no meio daquela festa! Ali na avenida na frente da loja. E jogava apito, que a cabeça até doía!

Depois fazia uma fila e entregava o brinquedo... Tinha a senha, já tinha essa questão da senha. Tinha muita gente que não tinha a senha. As pessoas passavam no ônibus e desciam ali — então gente que não tinha senha... E a Madrinha já tinha um preparo pra essa quantidade de pessoas a mais. A Madrinha sempre muito preocupada não só com as pessoas da senha mas pra todo mundo que chegasse. Qualquer criança que chegasse ali também conseguisse pegar. A Madrinha já fazia todo esse estoque. Eu lembro que alguns dias antes da festa, na semana da festa, a gente que era criança, ela chamava a gente, [...] a gente ia tudo pra loja, pra fazer os saquinhos — que ela dava saquinho de doce.

85

Nossa, era a melhor época, assim, pra gente, a época que a Madrinha dava essa festa. A gente ia, fazia todos os saquinhos, depois ajudava a levar as coisas, buscar as coisas. Então a gente, assim, a gente aproveitava da festa, mas desde pequenininho a gente sempre foi, sempre ajudava.

Ao longo desses anos, Mãe Iraildes constituiu potentes redes de afeto, solidariedade e amizade, que foram capazes de atravessar muitas gerações, proporcionando a felicidade das crianças. É muito comum a Madrinha encontrar pais e mães que participaram da festa quando eram crianças e, hoje, levam seus filhos e filhas. Andreia Firmiano é um desses exemplos de ter a memória da festa quando tinha sete anos, e hoje participa novamente, mãe de três filhos.

Todos os anos um elemento marca publicamente as ruas e a paisagem de Carapicuíba em torno do local de realização da Festa de São Cosme e São Damião: o **cortejo**. O ato de percorrer coletivamente um pequeno trajeto ao redor dos locais de celebração existe desde as primeiras edições da festa, realizadas no Novo Horizonte, quando o cortejo deixava o Ilê Asé Nitánirê e tomava as ruas de terra, voltando ao terreiro no final.

Nas festas recentes, o cortejo se inicia em frente à Casa de Velas, na Avenida Inocência Seráfico, demarcando ainda a importância desse lugar como referencial para a comunidade participante da celebração. Começa ali o trajeto de poucos quarteirões, que vai terminar no salão da Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba, cujos promotores têm relações antigas com Mãe Iraildes e vêm cedendo o espaço para o Cosme e Damião. Assim que está tudo pronto, fogos de artifício marcam o início da caminhada — e serão ouvidos também durante o percurso e no seu encerramento, já em frente ao galpão.

A figura central do cortejo, como não poderia deixar de ser, é Mãe Iraildes. Em volta dela, organizam-se músicos, autoridades tradicionais, carregadores do andor, as gêmeas e o público que assiste à andança. Iyalorixás e Babalorixás de Carapicuíba e outras cidades conduzem o cortejo junto com a Madrinha. Uma das presenças constantes tem sido Mãe Daisy, cujo terreiro se localiza em São Roque, e que começou a frequentar a festa trazida pelo marido, Seu José Luiz, que cobria a celebração como jornalista. Enquanto ele filma e fotografa toda a celebração, garantindo importantes registros para o reconhecimento da festa e da importância de Mãe Iraildes, ela anima o

cortejo, entoando cantos, batendo palmas e dançando, sempre com um sorriso largo e carinhoso no rosto!

Cosme e Damião vem comer seu caruru Que é de todo ano fazer caruru pra tu 16

O andor, em estrutura de madeira, é coberto nas laterais com tecidos brancos rendados e, na tábua, repousa um variado arranjo de flores, compradas frescas no Ceasa e montadas nos momentos que antecedem a festa. Sobre as flores, repousam as imagens das três crianças centrais na simbologia da celebração: Os gêmeos Cosme e Damião e seu irmão Doum, cuja morte precoce teria motivado os outros dois a tornarem-se médicos, passando a proteger as crianças. O andor é carregado por quatro homens, escolhidos por Mãe Iraildes, dentro da comunidade de seu Ilê e dos terreiros parceiros, de onde vêm Babalorixás e Iyalorixás que também frequentam a festa e acompanham a Madrinha no trajeto a pé e nas atividades que se seguem já dentro do galpão, como a distribuição de bolo e brinquedos. Bryan afirma a importância do cortejo por vários motivos:

O cortejo eu acho muito importante primeiro por conta que eu falei de liberdade. Eu acho que é um momento ali que a gente se vê um pouco mais protegido dentro daquele cortejo. A gente anda na rua, em um cortejo que a gente vai vendo as pessoas, a gente fica com menos medo de ser atacado, de falarem ou de atacarem a gente.

Tem a questão também de outras pessoas verem, porque tem muita gente que chegou à Madrinha através do cortejo, tem essa caminhada que faz com o povo e vai trazendo mais pessoas para dentro dessa festa. Aconteceu muito na Madrinha. A gente está no cortejo e alguém [vira] para a gente e fala: "Mas onde é essa festa?". Então o cortejo traz

16 Registro de um dos vários cantos que animam a procissão, enquanto o cortejo desce a rua.

mais pessoas para dentro daquela festa.

Acho que é uma forma também de entender que está chegando a hora dele, porque quando no cortejo as crianças ficam tudo lá apavoradas, está chegando a hora, está chegando a hora, a Madrinha está vindo, cadê a Madrinha? A Madrinha está vindo ali. Então acho que o cortejo traz muita nossa identidade. A gente fica muito visível e a gente tem menos medo.

[...] Não que a gente está imune, mas com menos medo a gente consegue transmitir e também acho que tirar, tentando tirar um pouco dessa visão que a gente tem, de que a gente é do mal, que só faz o mal, desse preconceito. O povo vê que é um grupo de pessoas, de macumba, igual eles falam, que estão alimentando tantas crianças, estão fazendo ações. E por que outros não fazem? E por que outro lugar também não faz? Outra religião também não está fazendo.

88

Acho que é uma forma também da gente vencer um pouco esse preconceito que tem com a gente. Então acho que é uma parte que é fundamental a procissão. Onde a gente consegue se conectar ao sagrado de uma forma mais limpa, de uma forma que a gente se sente melhor também.

Há alguns anos, Tomaz, do Ilê Asé Odé Ibualamo, vem fazendo o arranjo de flores do andor e sua aproximação com a festa foi motivada justamente pelo caráter público e a abertura da celebração, onde não existe discriminação religiosa. Quando começou a participar, ainda não havia sido iniciado no candomblé — mas já era muito bem recebido pela festa da Madrinha:

E como não era algo muito religioso [a Festa de Cosme e Damião pública de Mãe Iraildes], né, era mais fácil de você participar, né. Mas eu me recordo de mais novinho, assim, vir lá, pegar o docinho,

pegar o brinquedo, e assim foi. E aí, eu me aproximei, a Madrinha Iraildes começou a me chamar pra poder participar das festas, né. Foi quando eu fiz o primeiro arranjo [de flores do andor] de Cosme e Damião. Depois desse ano, nunca mais parei de fazer. Em todos os anos. Eu comecei a ajudar ela na festa nessa parte. Mas aí também dava uma auxiliada, tipo, lá na festa que tinha... Aí que teve o ano da pandemia também, né, que aí a gente entregou lá na frente da loja. Que também foi um ano que eu ajudei muito, que eu fiz o andor, aí a gente preparou o saquinho de doces, a partir da festa.

O andor, ele só é uma madeira. Aí a gente pega as imagenzinhas, né, tipo, o Cosme do andor, aí cola nele, e aí começa a fazer os arranjos dele, né, tipo, das flores, que a gente compra no Ceasa. No arranjo mesmo, é só, tipo, eu que vou lá, com mais umas três pessoas, quatro pessoas que a gente vai comprar. Aí a gente avançava, às vezes de um dia para o outro. E aí eu comecei nessa parte. Aí foi passando os anos, mas foi sendo espontâneo, sabe? “Cuida disso, cuida daquilo.” E aí foi, tipo, até hoje.

89

[Em 2024] foi a primeira vez que eu carreguei o andor. Acho que eu não sei nem explicar, tipo, essa sensação que é carregar o andor ali, né. Mas é, tipo, é encantador. É encantador a energia, tipo, todo mundo desse aí me louvando, e a felicidade. Muito gratificante. Eu acho que uma palavra boa para justificar isso é a gratificação mesmo.

O acompanhamento musical do cortejo vem sendo feito por outros parceiros dessa rede: educadores, educadoras e crianças da OCA Escola Cultural, localizada nas imediações da Aldeia de Carapicuíba e que promove, desde 1996, uma educação integral a partir da arte, da cultura brasileira e da cultura da infância. Cerca de 35 crianças são levadas todos os anos para a Festa de São Cosme e São Damião e participam do cortejo tocando

com o maracatu da OCA, comandado por Jorge Luciano da Silva, mais conhecido como Fofão. Logo atrás dos tambores e berimbaus, vêm duas meninas gêmeas, carregando uma bandeira com a imagem que marca boa parte dos materiais de divulgação da festa. Os três irmãos aparecem no tecido vestidos com túnicas verdes e mantos vermelhos, enquanto seguram, em uma das mãos, uma caixa de remédios e, na outra, um ramo de palmeira ou palma do martírio. A imagem está também nos *banners* estendidos na entrada da festa e em seu interior. Na parede principal do galpão da Associação Nipo-Brasileira, a figura dos gêmeos médicos fica lado a lado com desenhos que remetem à cultura japonesa.

Na emocionante chegada do cortejo ao galpão, Mãe Iraildes é recebida pelas crianças e demais pessoas ali presentes. Com grande animação e sentimento, ela saúda os presentes: “Viva, São Cosme! Sejam vocês bem-vindos!”, com um sorriso no rosto e os olhos brilhando. Quando indagada sobre a parte que mais gosta da festa, ela diz: “Essa daqui. A procissão, a nossa chegada aqui com todas as crianças”. Devagar, entra no salão e vai conferindo toda a decoração e demais elementos, enquanto o andor é posicionado no palco, onde a Iyá, suas famílias de sangue e de santo e mais pessoas convidadas de sua rede de apoio ficarão sentadas, auxiliando as demais atividades.

Um dos primeiros aspectos que a Madrinha confere ao se aproximar do palco é o **bolo**, grande estrela da celebração, que faz crianças e adultos salivarem. Basta dizer que o bolo é o momento preferido da Ekedí Vera! Um dos elementos centrais da celebração, ele é distribuído para as crianças antes da entrega dos brinquedos e saquinhos de doces. Atualmente, quem faz o bolo e coordena todo o processo de montagem e decoração é Clemilda de Souza Lemos, Rombona do Ilê Asé Nitánirê, que conhecia Dona Joaninha e Mãe Iraildes desde a Bahia. Aliás, não é um bolo, e sim dois: o longo bolo montado na justaposição de vários bolos retangulares; e um bolo menor, em formato de saia, que complementa uma boneca, representando uma menina negra. Não foi sempre Clemilda que fez os

bolos, mas, além da origem em comum com Mãe Iraildes, sua relação com a comunidade do Ilê e a celebração tem décadas: “Antes de eu fazer o bolo, eu sou a Rombona da casa da Madrinha. Eu sou a primeira filha raspada de Iansã na casa dela”. Sua relação com a Iyá, a festa e toda a comunidade dessa ligação entre Bahia e São Paulo vem de longa data:

Da Bahia até Carapicuíba. Nossa senhora! Tem muitas coisas assim que eu não gosto nem de me lembrar, né? Muitas coisas assim... A mãe da Madrinha, que era Dona Joaninha, e a minha mãe eram muito amigas. Lá na fazenda [em Aurelino Leal, Bahia], porque a gente morava na cidade [Gongogi, Bahia]. Cidadezinha, né? E depois, viemos morar na fazenda. E, ali, minha mãe já conhecia. Porque era tudo moça, né? Tudo perto uma da outra. Aí, Dona Joaninha teve todo mundo, as meninas lá, minha mãe também. E eu comecei a conhecer também todo mundo ali no meio. Com as gêmeas, a Madrinha...

A Madrinha eu já não conhecia muito. Porque a Madrinha morava aqui [Carapicuíba] e Dona Joaninha lá na Bahia, né? Então, a que eu mais conhecia foi as gêmeas, que é da minha idade também. Mas, depois, eu comecei a conhecer a Madrinha. Aí, foi quando ela foi pra Bahia, trazer uma menina, né? Pra poder cuidar da casa dela, cuidar da Samara [filha biológica de Mãe Iraildes], que a Samara tinha seis meses. O Fábio [filho biológico de Mãe Iraildes] tinha três anos. Aí, assim, ela tava procurando... Ela ia levar outra vizinha. Isso aí, a gente já tava já em outra cidade [Gongogi]. Já tinha saído da roça, já tava em outra cidade.

Aí, ela tava conversando, né? Com a minha madrinha, que vinha a filha da minha madrinha com ela. Aí, na hora, desistiu, falou que não vinha. Eu tava chegando no rio, com a bacia de roupa na cabeça. Quinze anos — vou fazer 65, então 50 anos atrás

[por volta de 1975]. **Aí, eu falei: “Olha, Lai [como Mãe Iraildes é conhecida em sua terra natal], eu vou com você”. Foi assim: “Eu vou com você”. Quinze anos! Aí, minha mãe, “Pelo amor de Deus, né?”. Aí, eu falei: “Não, mãe, eu vou, eu vou”. Que meu sonho, o meu sonho, era ter minha família, né? — Que se sabe no Norte como que é, né? — “Eu vou pra São Paulo, eu vou conseguir alguma coisa na minha vida.” Aí, eu vim. Aí, minha mãe ainda falou pra Madrinha assim, “Olha lá, o que você vai levar. É uma semana, ela não vai ficar”. Eu saí de lá com quinze anos. E fiquei. Eu vim direto pra Carapicuíba, pro Novo Horizonte.**

Logo após chegar a Carapicuíba, Clemilda raspou para Iansã — em 2025, ela completou 49 anos de feitura do santo. Clemilda, assim como muitas pessoas que fazem ou participam da festa desde seus primeiros anos, conheceu Carapicuíba e a região do Novo Horizonte, quando as ruas eram de terra, os rios marcavam a paisagem e o acesso com a cidade de São Paulo era feito por Osasco, cidade vizinha. Na Bahia, Clemilda conhecia o caruru ofertado por Dona Joaquina, que tinha filhas gêmeas, mas nunca tinha participado de uma festa de Cosme e Damião no terreiro.

A primeira que acompanhou foi já no Ilê Asé Nitá-nirê, depois de chegar a Carapicuíba. Ela tinha fotos das suas primeiras festas, mas com o passar do tempo deixou de lado, pois em várias seu irmão, já falecido, aparecia bem na frente, carregando o andor. A festa era bem menor do que a realizada atualmente, tinha os mesmos elementos: procissão — que percorria as ruas de terra do Novo Horizonte —, brinquedos, doces e comidas, sem contar as crianças. Clemilda se recorda dos Erês sentados na mesa: os meninos de shorts e camiseta, em verde e amarelo, e as meninas de vestido cor-de-rosa. Todos estavam presentes: os Ibejis, Doum, Alabá, Crispim, Crispiniano e Talabi. Ela se lembra do bolo desde esse momento:

[Nas primeiras festas que acompanhou] tinha uma

boleira que fazia o bolo, Dona Clarice. Que fazia cada bolo também... Naquela época não era tão grande quanto os de hoje. Era um bolo de um campo de futebol. Aí vinha outro bolo de menina. E um do pescador. Que eu não esqueço esse bolo! Você faz o bolo, mas era um bolinho pequeno. Aí põe os gramados, como fosse. Os cocos que tinham, gramados. No meio você colocava... Um forro azulzinho, alguma coisa assim. Colocava gelatina incolor. Aí colocava um homem sentado num banquinho. Um bonequinho com a vara. Pescando. (O da boneca não tinha, foi uma invenção minha.) Mas esse [do pescador] já fazia quando era o terreiro.

Clemilda faz os bolos da festa há mais de vinte anos, depois de ver, por muito tempo, o empenho da boleira anterior, Dona Clarice. Atualmente, além dos bolos da Clemilda, os pagadores de promessa também doam seus bolos. Apesar das mudanças de enfeites e cores a cada ano, seus formatos se mantêm nas últimas edições: um bolo retangular, que se estende numa longa tábua, e um circular, em formato de boneca, inspirado na própria Madrinha. Todo ano, Clemilda faz a lista de ingredientes, entrega a Vera, e Mãe Iraildes manda tudo que vai na receita diretamente para a casa dela. Para fazer, são dois dias de muito trabalho assando as partes de cada bolo, montando, fazendo recheio e enfeitando. Mas o trabalho compensa, pois é a realização de um sonho:

O bolo, eu sempre tive o sonho de fazer bolo. Né? Aí, eu batia aquela massa, colocava, e a massa não saía. “Eu tenho que fazer um bolo bonito. Eu tenho que fazer um bolo bonito.” Tinha uma boleira, Dona Clarice, que já morreu, né? Aí, depois apareceu outras... Eu falei: “Não, eu vou fazer esse bolo”. Aí, eu comecei a fazer. Aí, fiz um bolo para a Samara. Aí, o bolo já começou a crescer. Aí, eu comecei a fazer um bolo de um metro... Aí, chegava gente, trazia bolo

também, né?

Aí, no aniversário, eu já comecei a fazer. Aí, um dia eu fiz um bolo pra Madrinha, com a boneca em cima. Ela, vestida, o jeito da Madrinha, né? Eu fiz o bolo, coloquei a boneca, e coloquei fio de conta, turbante, né? O bolo do aniversário da Madrinha. Aí, começou a sair o bolo de boneca, né? Aí, o bolo era um metro, começou a esticar mais um pouco, mais um pouco... Hoje, a tauba grande [onde vai o bolo], ela tem três metros. É três por oitenta, né? São dois, desses: um de três, um de dois. Ali é que dá mais dor de cabeça [o bolo da boneca]. Mais complicado. Porque, são tudo forma, né? Cada um, uma forma. E são vários círculos. E onde eu asso todos esses bolos? Nessa cozinha minha ali, ó.

O bolo [retangular], eu começo, assim: se a festa vai ser sexta-feira, eu começo a assar o bolo hoje [quinta]. Eu vou dormir uma, duas horas da manhã. Porque eu sozinha, para fazer bolo, lavar a panela. Eu e os meus passarinhos. Eu asso hoje e amanhã. Dois dias assando. Eu não sei o que que é, porque minha massa de bolo, ela não estraga. E, quando eu asso, quando vai empilhar? É assim, eu pego essa, que aqui já é a segunda mesa. Que a minha mesa, era a mais larga e tinha outro vidro. Aí eu não esperei esfriar e joguei aqui. Entendeu? Que eu forro ela com pano, depois eu vou um papel alumínio, né? Todinha, aí vou colocando os bolos. Aqui mesmo, já é a montagem dos bolos.

E, no dia da festa, é o recheio? É, aí eu pego todos esses bolos, vou pra lá cedo. Entendeu? E levo tudo pra lá. No dia da festa. Aí já monta tudo lá. Porque o bolo, é tudo lá. Entendeu? A única coisa que a Madrinha traz aqui pra casa é só preparativo da massa. Agora o recheio, né? Porque o recheio não vai no fogo. Ali é ameixa, com doce de leite e Guaraná. A Madrinha, ela colocou na cabeça que tem que ser

só com ameixa. É uma escolha dela. E aí o doce de leite e o Guaraná, dá a liga, que é das crianças. E o Guaraná também tem que ser Guaraná Antártica.

Pra enfeitar os bolos, olha, se fosse eu sozinha... Eu tenho duas, três ajudantes. Tem vezes que a minha irmã também. Quer dizer, que é minha irmã, é a Zana, eu, meu marido, quando ele não está trabalhando, e o meu filho, é ele que... Eu falo assim: "Olha, você que gosta de passar massa fina na parede, tu vai... Vamos aproveitar". Aí ele vai, né? Eu vou colocando o recheio, o chantilly, e ele vai só acertando.

Depois do cortejo, Mãe Iraildes e demais lideranças religiosas presentes dão início ao momento em que cerca de dez pessoas encarregam-se de fatiar os bolos e distribuir cada pedaço. Em pouco tempo, as tábuas se esvaziam e cada criança se delicia com os frutos do trabalho de Clemilda. Muitas pedem uma segunda fatia — que Mãe Zana e Vera autorizam, quando possível. Para quem está distribuindo o bolo, mal dá para levantar a cabeça, com o ritmo acelerado e a animação das crianças, que enchem o salão de gritos e risadas!

Depois do bolo, é hora de mais diversão. A distribuição de **brinquedos** é o ponto alto para o simbolismo da festa e para as crianças. Como dizem as pessoas envolvidas na organização da celebração, muitas dessas crianças vêm de situações de pobreza e têm poucos momentos como esses, de poder ganhar um presente, que nem sempre as famílias podem dar. Por essa razão, a escolha dos brinquedos para serem distribuídos é feita cuidadosamente por Mãe Iraildes, com muito carinho e dedicação, para as crianças da Festa de São Cosme e São Damião.

A Iyá examina cada brinquedo para ver se está do seu gosto. Recusa sempre os brinquedos pequenos. Como ela nunca teve brinquedo na infância, diz a Ekedí Vera, quer que as crianças "encham os olhos" com bonecas, carrinhos, máscaras, bolas, entre tantos outros lindos e coloridos brinquedos. A cada ano, é possível sentir as mudanças, seja pelo aumento constante do valor dos

brinquedos, seja pelos gostos da garotada, que vem preferindo passatempos eletrônicos àqueles mais manuais e com maior interação, como pular corda ou jogar bola. A internet trouxe também consciência racial, que se vê quando as gerações mais novas pedem bonecas pretas — mas as mães nem sempre gostam da ideia. No dia da festa, os brinquedos são arrumados no palco e nas caixas para distribuição, sendo parte central da decoração do galpão — para animar as crianças!

Nas primeiras edições da festa, os **doces** oferecidos às crianças eram feitos no próprio terreiro. A mãe biológica da Madrinha, Dona Joaninha, era labassê, isto é, responsável pela cozinha e alimentação, sendo a maior conhecedora das propriedades das comidas. Cada ingrediente tem usos e sentidos específicos, ligados aos rituais e aos orixás. Para a Festa de Cosme e Damião, eram preparados: doce de abóbora, maria-mole, xerém, munguzá (canjica), doce de banana, doce de goiaba, doce de leite e, em maior quantidade, cocada.

Muitas foram as mudanças que impossibilitaram a continuidade da produção artesanal dos doces a serem distribuídos, a começar pela proporção que a festa tomou. A quantidade de pessoas atendidas nos últimos anos dificulta muito a possibilidade de servir os alimentos tradicionais. Mas não só isso: o adensamento construtivo nas periferias e bairros mais pobres fez com que os terreiros perdessem suas áreas livres, não podendo mais cultivar ervas, tubérculos e outros produtos tradicionais. Nas palavras de Mãe Zana: "Nós vamos sendo expulsos de todas as formas". Essa questão é especialmente importante para as mulheres que organizam a celebração, todas atuantes no Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos de Matriz Africana (FONSANPOTMA), no qual Mãe Iraídes é coordenadora municipal e Mãe Zana, estadual. A preocupação com a soberania alimentar e o uso excessivo de agrotóxicos na alimentação de pessoas negras e periféricas é central para a comunidade, mas extrapola os limites dos terreiros, tendo sido foco constante de produção de políticas públicas para todo o município. Vê-se, assim, como o impacto da pressão imobiliária afe-

ta não somente as possibilidades de moradia especificamente, como também outros aspectos da manutenção da vida e dos laços comunitários das populações periféricas.

Apesar da luta dessas mulheres, o tamanho da festa não permite mais a produção de doces e demais alimentos na cozinha, gerando uma movimentação financeira grande para lojistas da cidade — majoritariamente pessoas brancas —, já que todos os terreiros celebram a data. Mãe Zana estima que cada casa gasta pelo menos mil reais com doces na Festa de Cosme e Damião, gerando um movimento maior do que no Dia das Crianças, somando doces e brinquedos. No dia da festa, os saquinhos são entregues junto com os brinquedos, fazendo a alegria das crianças — e de muitas mães e pais também.

Assim como os doces, as **comidas** são elemento particularmente importante na manutenção da relação entre a festividade pública e suas raízes nas tradições de matriz africana. Tradicionalmente, o alimento principal da festa é o caruru, cujo ingrediente principal é o quiabo, acompanhado de azeite de dendê e outros produtos. Várias pessoas se referem à Festa de Cosme e Damião como "dar o caruru" ou apenas "caruru", evidenciando a centralidade desse alimento para a celebração e os sentidos da festa. Nas festas realizadas no Ilê Asé Nitánirê, as palmas, batuques, orações, brincadeiras e cantigas animavam o banquete de caruru oferecido às sete crianças sentadas em círculo no chão, com roupas em vermelho e verde (as cores de Cosme e Damião).

O banquete, preparado na véspera, é ofertado às sete crianças em pratos de barro para agradecer e compartilhar a refeição em honra dos Erês (espíritos infantis que se manifestam no terreiro do candomblé aos iniciados), do culto a Egbé Òrun (as sociedades celestiais) e da vida dos gêmeos (Ibejis), sem transe nem incorporação. Durante a celebração, tambores, cânticos sagrados, orações, danças e rituais ressoam no "barracão". Antes das sete crianças serem alimentadas, é oferecido o banquete a Exu, Cosme, Damião e Doum em gratidão e fortalecimento da fé. "Cada detalhe reforçou a importância da tradição, da ancestralidade e da coletividade em nossa

caminhada espiritual”, explica Mãe Zana.

Além do caruru, que alimenta humanos e os encantados e suas naturezas, são servidas outras delícias feitas com azeite de dendê, como feijão fradinho, abará, farofa de dendê, galinha, pipoca e acarajé, que devem ser comidos com as mãos pelas crianças e adultos, como é o costume nos terreiros de candomblé. Nas primeiras festas realizadas no Novo Horizonte e mesmo em algumas feitas na Casa de Velas, Mãe Iraíldes distribuía os alimentos tradicionais, sempre com destaque para o caruru. Quem recorda essa relação com as comidas é seu filho Fábio:

A Festa de Cosme e Damião é um evento que já está aí há mais de 40 anos. Isso tudo começou lá no Novo Horizonte, no primeiro barracão, que acho que vocês já conhecem lá. Acredito eu, talvez seja o primeiro ou o segundo de Carapicuíba. Naquela época, a gente não sabia, não tinha informação de outro. Então, começou lá. Na época, era tudo de chão. Então, a gente fazia o mesmo que vocês veem hoje. Acontecia lá em 72, 73. Acontecia a mesma, numa forma mais rústica pela questão da época. E a festa foi tomando proporções. Na época, não se fechava a rua. Já na década de 80, começou a pedir, solicitar para a Prefeitura fechar a rua. E começou a gerar aquele transtorno. Muitas pessoas de Carapicuíba vinham, ficavam sabendo da festa e iam para lá. Hoje, nós temos recursos de pessoas que nos ajudam, apoiadores. Então, a gente tem pessoas que conseguem ônibus, outras doam quantias, doces, balas. Então, naquela época, a gente era muito... Essa gente conseguia, minha mãe conseguia, né? Precisa agradecer a ela. Ela conseguia, com muito esforço.

E a minha finada avó, não sei se vocês tiveram o privilégio de conhecer, né? Ela, nossa! Ela chegava, naquele tempo... Então, a gente pegava a taioba, buscava a taioba ali pelo Novo Horizonte. Eu, com

10 anos de idade, ia com o Teco, que era o primeiro ogã, com o Eduardo, o Dinho. E a gente via aquela turma, que era o pessoal, mais via taioba do que gente carregando, andando no meio do mato. Então, a minha avó ia na sexta-feira, virava de sexta pra sábado cozinhando galinha. Ela gostava, ela virava à noite, como hoje. E cantando naquela cozinha lá embaixo do barracão. E era uma festa maravilhosa. Fazia gorrinhos para as crianças. E naquela época, era assim... A carestia era maior do que hoje. A situação era pior do que hoje. E, então, na década de 90, como já não tinha condições de fazer lá mais, a gente voltou para fazer no Tancredão.

Bryan, apesar de mais novo, se lembra também da oferta de caruru nas primeiras festas que acompanhou, já na Casa da Velas:

Tinha caruru. Só que assim, o caruru, a Madrinha dava dentro de casa, ela fazia o caruru ali, aí as crianças que quisessem ir comer, ou os pais, a gente dava dentro da casa dela e fazia o caruru. Aí eu lembro que teve uns anos que a Madrinha fez no Tancredão, que é na mesma Avenida Inocêncio Seráfico, justamente pensando nisso. Ela saiu da loja, foi pro Tancredão, justamente por conta das comidas. Então, a Madrinha alimentava, a gente alimentava muita gente. Porque eu lembro que teve um ano que a gente fez muito caruru e muito acarajé, porque ela serviu comida pra todo mundo que tava naquele Tancredão. Todo mundo!

Eu lembro que a minha avó, Maria Gilcélia [de Almeida], a minha falecida avó, ela passava o dia inteiro fazendo acarajé [...]. E a gente até pensava: “Ah, mas o povo de São Paulo não gosta dessas coisas”. Ela ia levando esse Tancredão e a festa foi aumentando. A minha avó ajudava muito na cozinha, né? A Dona Joaninha, que é a mãe da Madrinha, e

ela ficava muito na cozinha, ela fazia acarajé, vatapá.

E a Madrinha, eu lembro que ela fazia uma certa divisão, ela fazia comida, mas o acarajé, por ser de Oyá, por ser um pouco ligado à religião, ela dava o acarajé separado. O vatapá, eu lembro que minha avó pegava, passava o vatapá ali e entregava, não sei quantas pessoas dentro daquele, lá dentro. E aí depois servia a comida, que era peixe, que era frango, tudo que vai dentro do caruru. Porque lá tinha uma cozinha, então, já cozinhava alguns dias antes, e a Madrinha sempre muito forte na festa de Cosme, né? Eu lembro até hoje, um dia, que a Madrinha mandou dar um saquinho de doces e mandou dar salgadinhos separados. Eu não me lembro mais do cara, mas eu lembro que ele passou com um pacote de salgadinho assim, a filha só voou em cima dele, foi salgadinho pra todo lado, ele passou no meio da filha, tentando, né, pra dar o salgadinho pra filha, elas voaram nele assim, então eles aproveitavam, e a Madrinha gostava, meu Deus do céu! Uma alegria, né?

Então ela [Mãe Iraildes] dizia muito a importância, por que tinha que ter o acarajé dentro dali: lá atrás, a lansa alimentava os soldados, as crianças com o acarajé. Então ela foi passando esse conhecimento, e hoje tem muitos, muitos terreiros que fazem isso, mas que vieram de lá.

Antigamente, eu lembro que os terreiros não tinham o costume de dar caruru, por exemplo, porque em São Paulo é mais ligado a Erê. Cosme tá mais ligado a doce, né? Era muito difícil. E a festa abrandou muito isso. Eu conheço Pais de Santo que não faziam caruru. E hoje fazem, hoje trouxeram essa essência. E é da festa da Madrinha. Eu lembro que também quando era mais novo, brinquedo mesmo, não era toda casa que dava brinquedo, era mais doce e bolo. Isso era mais garantido. E com o tempo foi passando, foi virando uma ação pra fora.

E aí os outros terreiros também começaram ter essa idealização de colocar essa festa mais pra fora. Então eles também começaram a fazer comidas. Eu lembro que muita gente, nossa, tem vários pais de santo que iam no terreiro da Madrinha justamente pra entender, pra ver como é que é do caruru, como que fazia.

E foi levando isso pras suas casas. Tanto que hoje, lá em Carapicuíba, eu acho que muitas casas servem o caruru, dão brinquedo, mas saíram dali. Em Carapicuíba, sim. Até a Mãe Zana mesmo, a gente já fazia, já tinha tudo isso, mas a Madrinha também trouxe isso. Então a gente foi fazendo, escondido, e hoje acho que muitos terreiros lá ou levam as coisas lá pra Madrinha, como eu sei que tem alguns pais de santo que vão ajudar lá com seus filhos pra caminhar naquilo ali. E também os que conseguem, dão na casa deles também. Essa festa em Carapicuíba, ela expandiu. Ela abriu coisas que não tinha mesmo. Então hoje, você vai no caruru, tem a comida.

Desde que a festa passou a ser realizada em grandes locais públicos ou cedidos, a proporção de crianças atendidas impossibilita a continuidade da feitura de todos os alimentos tradicionais, como os que são servidos na festa realizada nos terreiros. Ainda assim, alguns são feitos, como o acarajé. Em 2024, o dia 27 de setembro caiu em uma sexta-feira, dia de Oxalá, em que não se usa ou manipula azeite de dendê. Por essa razão, não houve acarajé na data. Já em 2025, Dona Suely e Elisângela Silva Menezes, filha de Pai Josuel, fritaram e serviram centenas de bolinhos!

Tomaz conta que era um sonho seu participar da festa, desde criança. Ele, que veio de outra religião, hoje conhece bem um dos elementos principais da comemoração: “A alegria dos Erês”. O cortejo, para ele, é “estar vivo no meio da rua”. Bryan, por sua vez, se sente visto, “num lugar bom”, na descida da procissão. Ele se sente

PARTE 2

criança novamente quando pode caminhar na rua em liberdade, sem sentir medo ou preconceito: “Criança não pensa em quem ela é. Ela só vive”. Em meio a todas as transformações que a festa passou, desde sua realização no chão de terra do barracão no Novo Horizonte até chegar aos grandes espaços públicos — ainda pequenos para o tamanho do evento —, é mantida a essência central de reunir as crianças, comer e brincar.



Andor de São Cosme, São Damião e Doum enfeitado de flores.

Casa de Velas, Carapicuíba.
Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Raíssa Albano, 27/09/2025.

Mãe Iraildes recebe benção diante da Casa de Velas.

45ª Festa de São Cosme e São Damião, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Rojões sinalizam o início da Festa de São Cosme e São Damião.

45ª Festa de São Cosme e São Damião, Casa de Velas. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Saída do cortejo da Casa de Velas com Mãe Iraildes e Mãe Daisy à frente do andor.

46ª Festa de São Cosme e São Damião. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Cortejo com o andor a caminho da Associação Nipo-Brasileira.

45ª Festa de São Cosme e São Damião. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Mãe Daisy, Mãe Iraildes e Edejane no cortejo.

45ª Festa de São Cosme e São Damião, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Gêmeas levando o estandarte de São Cosme, São Damião e Doum no cortejo.

46ª Festa de São Cosme e São Damião, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Mãe Zana e Vera cortando o bolo enfeitado feito por Clemilda.

45ª Festa de São Cosme e São Damião. Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Distribuição de brinquedos.

45ª Festa de São Cosme e São Damião. Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.







MONTE

Onnix
COSMÉTICOS

HIDRÁULICA
ELETRICA
FERRAMENTAS
CASA
BARRO
4187-2635

AS
NEXÃO
RA GAS
-4658

QUATZEMO
11 93767-0404

Julia
Modas
4303-1591

Mont
MERCADÃO D
PICADÃO
DE BOI 23.98
KG

OPERA
FESTIVA
4.99

GYP6142

49

Realização:



46 Festa de São Cosme e São Damião

Distribuição gratuita de doces, bolo e biscoitos
Venham participar e tragam suas crianças

Será Realizado Neste Local

27/09
às
14 h



46

Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba

APRESENTA
CARA DO YELÁ





Associação Cultural e Acadêmica
Santos e São Tomás de Aquino
São Côme e São Damião

ASSETA
SÃO CÔRME SÃO CÔRME

No 185

Handwritten graffiti on the wall.









Realização
Casa Velas
Márcia Conceição de Brito
Luz
Av Inocêncio Sordifico, 18
Carinholândia - Curitiba - 81314-00

40º FÉSTIVAL
da Criança e do Adolescente

Luz

**[A festa de Mãe Iraildes]
Começa como Cosme e
Damião e termina como
Cosme e Damião. No meio,
é de todo mundo ¹⁷**

¹⁷ Fala de Mãe Zana, em conversa *online*, que contou também com a presença e memórias de Bryan e Tomaz, na qual os três apresentaram suas interpretações sobre os sentidos da festa, entre o religioso, o político e o social. Para todos, o elemento central e definidor é o mesmo: a experiência das crianças.



PARTE 3

Chãos e tempos em rede na Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba

Nyansapow

*Nyansapow, yede
myasa na esane
Nó da sabedoria*



1 Os terreiros: da Bahia a São Paulo

Como tudo partiu do Ilê Asé Nitánirê, começaremos a desenhar essa grande rede com os terreiros. Sempre ao lado de Mãe Iraildes nas celebrações de Cosme e Damião, está Pai Josuel, também baiano, nascido e criado na cidade de Ilhéus. Feito na Bahia, filho de Ogum e Iansã, ele veio originalmente para Franca realizar um trabalho de três meses, mas acabou estabelecendo-se em São Paulo, na cidade de Carapicuíba, onde se instalou definitivamente em 1986. Dando continuidade a suas atividades na Bahia, fundou o Templo de Umbanda Ogum Marinho e Martim de Angola, em Carapicuíba. “Encontrei a Mãe Iraildes, e ela é hoje meu ombro”, diz Pai Josuel sobre a Madrinha, com quem tomou obrigação por volta de 2016. O primeiro encontro foi quando ele era vice-presidente da Federação Umbandista Carapicuibana e, num evento, ouviu um canto de Mãe Iraildes, uma benção para o corpo. “Hoje Carapicuíba se transformou na minha terra natal”, já que viveu 30 anos na Bahia e quase 40 na cidade paulista — até o momento! Ele acompanhou a Festa de Cosme e Damião de Mãe Iraildes desde as primeiras edições, ainda no barracão, e hoje é Diretor de Eventos da casa dela, tendo se tornado figura central nas celebrações. Além da festa pública, Pai Josuel frequenta a festa realizada no Ilê Asé Nitánirê, e Mãe Iraildes vem à sua celebração — cada um faz a celebração de Cosme e Damião em uma data diferente, evitando sobreposições. “Deixa a Mãe Iraildes na frente — eu vou acompanhar ela, depois ela me acompanha!”

Suas festas têm diferenças, já que Mãe Iraildes é do candomblé e Pai Josuel, da umbanda. Como exemplo, o Babalorixá cita os ritmos dos atabaques das duas celebrações, que não são os mesmos. Com cerca de 40 filhos na casa, Pai Josuel descreve sua festa como “calorosa, sa-

◀ O cortejo em direção à Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba.

45ª Festa de São Cosme e São Damião, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

tisfatória”, com muito tambor, aruanda, dança do santo e mesa das crianças no chão. Rita, filha da casa, recebe a criança Cicinha nas festas, que “chora muito”, não desgruda de sua boneca e se esbalda de mel! “A gente acompanha Cosme e Damião, o que eles faziam em vida: davam alimento pras crianças”, conta Pai Josuel, refletindo sobre o sentido da festa. Entre as festas da Bahia e as de São Paulo, ele diz que os alimentos oferecidos variam: em Ilhéus, onde frequentava, o principal era o caruru, podendo haver um bolo, mas sem toda a quantidade de doces que é distribuída nas festas paulistas. Por sua linhagem, seu terreiro segue os ritmos das casas baianas, que frequentemente encantam pessoas de São Paulo.

Pai Josuel entende bem a importância de uma rede de solidariedade. Seu primeiro emprego em São Paulo, numa metalúrgica no bairro da Lapa, na capital, foi conseguido a partir da indicação de seu cunhado. Depois de se estabelecer no trabalho, voltou à Bahia e trouxe seus pertencentes e sua esposa, grávida da primeira de seus três filhos, Fabiana — que frequenta as festas de Mãe Iraildes desde criança. A menina nasceu pouco mais de um mês após a mudança da família. “E meu cunhado tinha muito contato, aí ele achou uma casa pra mim alugar aqui em Carapicuíba. Vim pra cá, aluguei, aí aluguei um salão depois pra fazer o terreiro. Foi alugado muito tempo, depois comprei aqui [seu terreiro atual, instalado em 1992] e foi!” Quando a proprietária do imóvel alugado faleceu, sua filha, que era crente, não queria “macumbeiro” na casa, ele conta. Pedindo empréstimos, juntando o pouco que tinha e contando com a orientação dos orixás, Pai Josuel conseguiu comprar o atual terreno, onde a comunidade construiu um barracão de madeira, com as próprias mãos. A coletividade é essencial nos terreiros, assim como nos bairros periféricos.

Da mesma forma que ele, muita gente em Carapicuíba é “de fora”, especialmente do Nordeste — Rita, por exemplo, é da Paraíba, “neta de índia” —, e as famílias chegadas vão frequentando os terreiros, misturando assim laços consanguíneos e de axé. “O terreiro forma uma outra família, é verdade”, diz Pai Josuel. Da sua casa, quatro fi-

lhos já fundaram seus próprios terreiros, ampliando assim essa rede para outros territórios na cidade. A entrada nos terreiros é muitas vezes motivada pelo acolhimento espiritual e social que esses lugares proporcionam, mesmo a quem não é da religião. Foi o caso de Fátima, que pouco depois do nascimento de sua filha, encontrava-se doente e sofrendo. Então, sua mãe decidiu levá-la para um equipamento público de atendimento a pessoas com condições psiquiátricas, onde foi recomendada a internação. Sabendo da decisão, Pai Josuel ouviu os orixás lhe dizendo para interceder, com um trabalho rápido — foi a salvação de Fátima, que há cerca de 30 anos segue frequentando o terreiro, assim como a filha e o marido, crente, que foi inclusive ogã da casa. Hoje, filha e marido frequentam a igreja, mas isso nunca foi um problema. As pessoas perguntam a ela como um fica na umbanda e outro na igreja, e Fátima responde: “Minha filha, é independente!”, dando risadas. Fátima mora perto do terreiro, no Bairro Cidade Ariston, e está sempre na casa para trabalhos e festas. Ela cozinha, limpa, arruma e auxilia o Pai Josuel, que mantém o terreiro sempre aberto para as pessoas que precisam, em geral entregando alimentos na comunidade ou realizando atendimentos, até de madrugada! A relação com a vizinhança é de respeito e boa convivência, em meio aos diferentes credos.

Outra umbandista da rede de Madrinha é Mãe Fátima, à frente do Terreiro de Umbanda Caboclo Ubirajara e Maria do Balaio, na Vila Silvania, que também começou como um barraco de tábuas e hoje está completamente reformado, com chão de terra batida e até uma pequena área para plantio, com ervas e dendê, incluindo plantas vindas da Bahia. Apesar de ter mãe e avó benzedeiros, ela iniciou sua vida espiritual apenas no final dos anos de 1980, frequentando a casa do Pai Simplício, na COHAB, cujo culto vinha de sua cidade natal, a baiana Nazaré das Farinhas — também importante na trajetória de Mãe Iraildes. Após o falecimento dele, a casa não teve continuidade e ela abriu sua própria, em 2007. Nascida na capital, mora desde criança em Carapicuíba. Seu esposo, Afonso, é originário de São Luís no Maranhão, passando por Osasco até chegar à cidade atual,

onde se conheceram, casaram e moram. Ela continua indo à Bahia para tomar benção e atender clientes, mantendo viva essa geografia ancestral.

Sua filha mais velha, Camila, é costureira e bordadeira, fazendo trabalhos de barafunda, que ela conta ser uma técnica afrodescendente apropriada pelos europeus e muito usada no período colonial. Foi importante em Minas Gerais — onde é conhecida como marafunda — e foi difundida pela Igreja Católica, sendo usada nas toalhas dos cultos. A prática tem sido retomada por grupos de matriz africana, ressignificando seus usos. Camila fez aulas com um filho de santo de uma casa de tradição angola na Bahia, se aproximando assim da barafunda e tornando-se uma das pioneiras da técnica em São Paulo. As práticas manuais são centrais no terreiro de Mãe Fátima, onde a comunidade produz suas próprias representações de entidades, em madeira, metal, cipó e reuso de peças de descarte. “Todos os filhos da casa se reúnem para fazer essas oficinas. Cada um dá uma ideia e monta suas coisas.” Na mistura entre família biológica e espiritual, são realizadas as atividades da casa: um dos netos de Mãe Fátima é ogã e toca desde os 4 anos; uma das filhas espirituais da casa — que tem pouco mais de 40 médiuns atualmente — faz o bolo da celebração de Cosme e Damião. No caruru, todas e todos da casa cozinham, organizam a festa, cobrem os custos e trabalham.

Mãe Fátima conhece a Madrinha há mais de 20 anos, quando ainda não tinha seu próprio terreiro. Elas se conheceram em uma compra de Mãe Fátima na Casa de Velas — assim como Mãe Zana e Mãe Iraildes. Quando estava lá, a Madrinha perguntou se ela era zeladora e, ao ouvir a confirmação, convidou-a para participar do Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos de Matriz Africana (FONSANPOTMA). Atualmente, ela é vice-presidente do COMSEA e conselheira de mulheres. Como se vê, a loja de artigos religiosos é ponto central, no tempo e no espaço, das articulações de Mãe Iraildes, que fomentam a atuação política de sua rede. “A gente abraça um pouco de cada coisa, pra inserir o nosso povo, né? Porque o nosso povo é bem discriminado, não é reconhecido.”

A casa reúne filhos de diversas cidades do entorno, como Itapevi, Osasco, Cotia, Vargem Grande, chamadas “cidades coirmãs”, além da capital. Mãe Fátima desloca-se para esses municípios, atendendo famílias que ali residem. A vizinhança próxima também é forte: oito filhos moram na própria rua de seu terreiro e oferecem serviços voluntários das suas formações para a comunidade do entorno — como dentista, enfermeira, advogado e psicólogo. A rua já chegou a ter quatro terreiros ao todo, com convivência saudável, mesmo entre vizinhos de outras religiões, que também frequentam as festas. Seu terreiro também participava da distribuição de cestas básicas, organizada a partir do FONSANPOTMA. Da rua até as cidades próximas, muitas ações articulam pessoas e territórios.

As festas de Cosme e Damião e do Preto Velho são momentos de resgate de tradições, não só pela religiosidade, mas pelo “comungar, estar junto”. Mãe Fátima, Afonso e Camila entendem que essas celebrações são também ações sociais, pois a casa oferece não apenas doces, e sim refeições completas, e as crianças que frequentam nem sempre têm acesso à alimentação adequada. As crianças que comem na mesa lavam suas mãos na bacia de água com alfazema, que então é usada para abençoar a todos, multiplicando essa energia. O terreiro é também um encontro de tempos. Na casa de Mãe Fátima, são quatro gerações: sua mãe, ela, sua filha e seus netos. A celebração de Cosme e Damião tem significados para todos: “[...] As crianças todas brincam, [...] os adultos conseguem chorar suas mágoas, suas dores e saírem daqui revitalizados”, segundo ela.

A quantidade de terreiros em Carapicuíba é visivelmente grande, mesmo com casas que ocultam suas atividades, por receio de represálias. Pai Josuel estimou cerca de 100 terreiros; Mãe Fátima arriscou 150; e Afonso, otimista, falou que o número deve chegar a 400 casas! A rede direta de terreiros de Mãe Iraildes conta com 36 casas, sendo 19 delas na cidade, além de outras em Embu-Guaçu, Guaianases, Itapevi, Osasco, São Lourenço da Serra, São Paulo, São Roque, Taboão da Serra (São Paulo), Belo Horizonte (Minas Gerais), Pelotas (Rio Grande do Sul)

e Salvador (Bahia). Destes, 12 são terreiros de umbanda, 16 são iorubás, 7 são bantus e um é jeje.

Um dos terreiros iorubanos de fora de Carapicuíba é o de Mãe Daisy, localizado em São Roque. Iniciada há vinte anos, com a Mãe Regina de Nanã, em Salvador, a Iyalorixá foi consagrada há mais ou menos metade desse tempo. Sua trajetória espiritual se iniciou muito antes disso, antes mesmo do seu nascimento, quando sua mãe, doente, conheceu o Templo de Umbanda de Mãe Ira Pescadora e Pai João Cambinda, na região do Horto Florestal, em São Paulo, em meados de 1960. Sua mãe morava em casa de família, mas tinha um quarto na Brasilândia, zona norte da capital. Ela nasceu em Presidente Venceslau e veio para São Paulo com cerca de 20 anos de idade, para trabalhar como doméstica. Em seu momento de necessidade, teve sua graça atendida e seguiu frequentando a casa de umbanda, na qual Mãe Daisy participava das giras desde criança.

A Iyalorixá deixou de frequentar a casa e, com cerca de 12 anos de idade, começou a ter episódios, passando mal na rua e brigando com as pessoas. À época, um sacerdote sugeriu que ela passasse a trabalhar para uma casa de religião, como forma de solucionar os problemas, mas sua mãe não concordou com tamanha entrega. Ela melhorou, mas, aos 20 anos, voltou a ter o que chama de “problemas religiosos” e novamente optou por não se iniciar. Quando completou 38 para 39 anos, já formada em enfermagem e com a vida estruturada, fez o anúncio: “Mãe, eu vou me iniciar no orixá”. Ela planejou uma reunião familiar para saber sobre a Iyalorixá dos primos, Mãe Tereza de Omolu, e saiu com um colega de trabalho após o plantão para comprar roupas para iniciação, no Brás, bairro central da capital. Nesse período, Mãe Regina veio a São Paulo dar obrigação para Mãe Tereza e, no meio do caminho, o santo decidiu que era a visitante que atenderia Mãe Daisy. Até hoje, Mãe Regina de Nanã vem periodicamente a São Paulo e cidades vizinhas para trabalhos e chegou a ter um terreiro no Butantã, zona oeste.

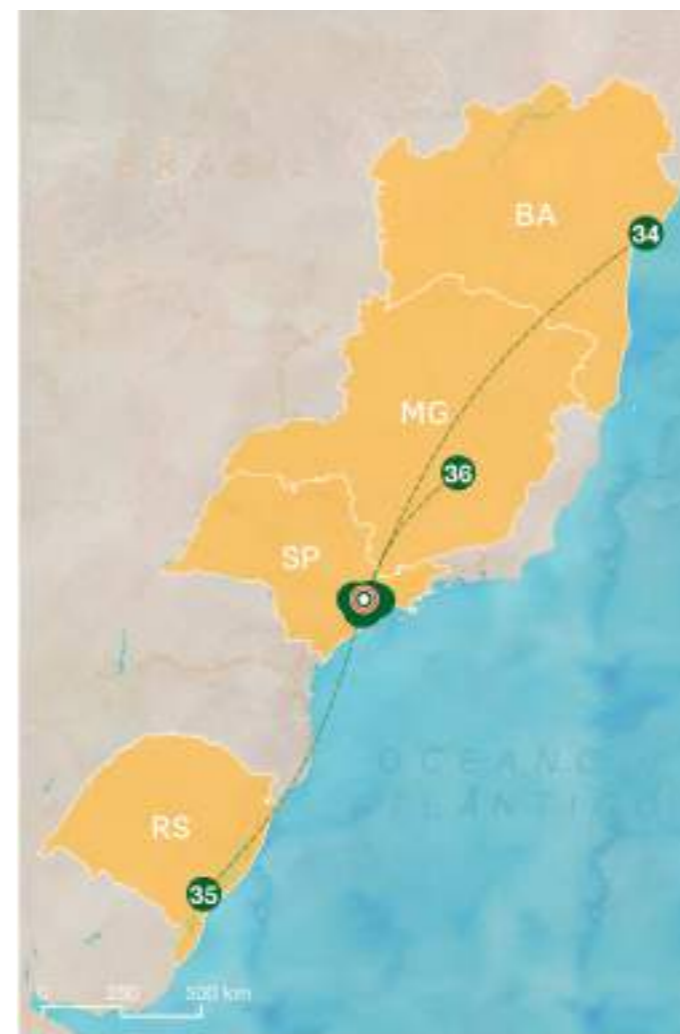
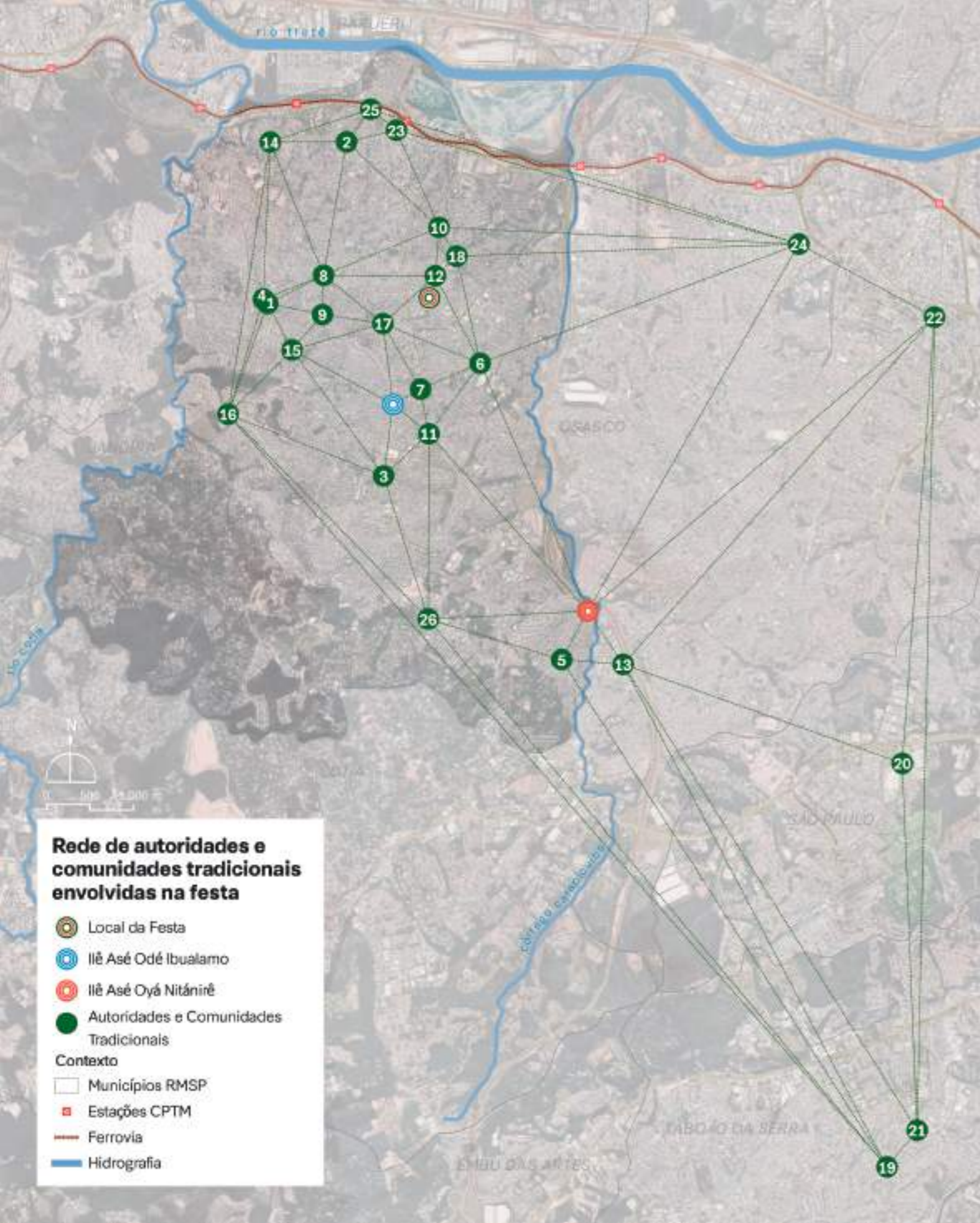
Mãe Daisy conheceu a Madrinha há cerca de cinco anos, quando seu marido, José Luiz, jornalista, foi chama-

do por Mãe Iraildes para produzir registros de uma Festa de Cosme e Damião. “Foi amor à primeira vista”, conta. Ele, nascido também em São Paulo, foi padre católico durante quatro anos, na década de 1970, ajudando a constituir oito Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na região da Vila Nova Cachoeirinha, ao norte da capital. Como missionário, circulou pelo Nordeste, chegando em Caruaru (Pernambuco), onde enfrentou problemas com as populações locais, por seu jeito progressista. De lá, foi transferido para Itacoatiara, no Amazonas, onde teve problemas até para que o prefeito reconhecesse que ele era o padre enviado. Na volta para São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns pediu que ele fizesse parte do Conselho Ecumênico do Brasil e disse que José Luiz precisava conhecer “as religiões de seus ancestrais”, expressão que ele nunca havia ouvido. Segundo ele, sua família era católica — mas a avó materna era mãe de santo de candomblé e a avó paterna de umbanda!

Dom Paulo queria aproximar as populações negras brasileiras da Igreja Católica e enviou o então padre ao Egito, para estudar com Cheikh Anta Diop — historiador e filósofo senegalês, estudioso das origens da raça humana e da cultura africana anterior à colonização europeia. José Luiz também foi a uma missão na Nigéria conhecer o povo iorubá para saber mais sobre os orixás e seus cultos, de modo que fosse possível construir diálogos ecumênicos. “Bom, aí foi quando eu cheguei na Nigéria e descobri a religião que as minhas avós praticavam”, conta. Em 1979, foi trazido de volta para trabalhar em São Paulo, onde as críticas à Igreja e sua situação pessoal foram os estopins para largar a batina e começar a trabalhar. Desde então, começou a frequentar diversos terreiros, registrando e pesquisando, preocupado inicialmente com as distinções entre casas de tradição bantu, jeje e iorubá, promovendo o resgate das culturas ancestrais — tal como Camila, filha de Mãe Fátima, com o bordado da barafunda. Mais uma vez, as redes de Mãe Iraildes nos levam para territórios diversos e tempos conectados.

O trajeto de Mãe Daisy até São Roque começou num sonho, anos antes de sua iniciação, em que ela viu sua casa. Muito tempo depois, cansada após um plantão,

ela ouviu uma voz lhe dizendo que era hora de sair para procurar esse lugar sonhado e, mesmo relutando, iniciou esse processo, cheio de reviravoltas, e chegou exatamente à casa que tinha vislumbrado antes. Foi pela condução dos orixás que o território da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba chegou a São Roque — como diz José Luiz, um evento não apenas religioso, mas político, relevante para toda a população afrodescendente, especialmente as crianças.



- | | |
|---|--|
| 1 Templo de Umbanda Ogum Marinho e Martim de Angola | 16 Ilê Ase Opo Oba Aganju Kemi |
| 2 Ilê Iyá Omin Asé Olokun | 17 Associação Beneficente Água Viva |
| 3 Pai Eduardo | 18 Casa de Caridade Vó Maria Redonda e Marinheiro Martinico |
| 4 Omo Ase Araka | 19 Ilê Asé Jagun |
| 5 Ilê Asé Akin Rere Ajagunã Muwa Ire | 20 Nzó Ngunzo Maza Ndanlalunda Riá Mutakalambô |
| 6 Ilê Asé Alagbara Omi | 21 Ilê Asé Omo Nilê |
| 7 Terreiro de Mãe Lina | 22 Mãe Inês |
| 8 Terreiro de Umbanda Cabana de Pai Tomáz – Terreiro | 23 Babá Aroclê |
| 9 Terreiro de Umbanda Cabana de Pai Tomáz – Quilombo Urbano | 26 Mametu Indandalakatu |
| 10 Tenda de Umbanda Caboclo Guiné e Baiano Justino | 25 Pai Nagô |
| 11 Ilê Alaketu Asé Odé Niro Chão de Terra (TUCUMB) | 26 Oca Escola Cultural |
| 12 Terreiro de Umbanda Caboclo Ubirajara e Maria do Balaio | 27 Iyá Ominagi |
| 13 Ilê Ase Alaketu Ase Sango Ogodo | 28 Pai Kajji |
| 14 Espaço Cultural e Assistencial Ciranda de Luz da Cigana Yuria e Iansã | 29 Pai Odesi |
| 15 Tenda de Umbanda Cabocla Jurema | 30 Mãe Lena |
| | 31 Mãe Day de Oxum |
| | 32 Pai Moreno |
| | 33 Pai Paulinho de Oxalá |
| | 34 Pai Zinho |
| | 35 Tata Edson |
| | 36 Mãe Rita |

2 As comunidades e suas lideranças



◀ Mãe Daisy, Mãe Iraildes e Pai Flávio.

Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Mãe Daisy no

cortejo. 46ª Festa de São Cosme e São Damião. Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Pai Josuel. 45ª Festa de São Cosme e São Damião. Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2025.

Festa de São Cosme e São Damião.

Terreiro do Pai Josuel. Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Luiza Rovere, 29/09/2024.

As centenas de crianças que participam da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba residem em diferentes regiões da cidade. Para chegar à celebração, são mobilizadas dezenas de lideranças de comunidades, localizadas em regiões centrais e periféricas, cujas participações são organizadas ao longo de meses. Na edição de 2025, 23 comunidades atuaram diretamente junto à organização e outras 17 foram afetadas indiretamente. Cada comunidade conta com uma liderança, que participa das reuniões na casa de Mãe Iraildes, seleciona e contabiliza as crianças que irão à festa e responsabiliza-se por elas no dia. Nos registros, constam: Naldo (40 Casas), Cacau (Aldeia), Mayara (Boa Esperança), Mary (Bocaina), Vera (Casa de Velas), Mestre Nei (Capoeira Inclusiva), Adrielle (Capriotti), Ingrid (Cavalinha), Cris (Dema), Jane (Jardim Angélica), Iris (Murão), Dani (Novo Horizonte I), Ana Paula (Novo Horizonte II), Edejane (Projeto Murão), Marise (Quiriri), Juliana (Reciclagem I), Denise (Reciclagem II), Ana Paula (Santa Teresa), Simone (Savoy), Jéssica (Segundinha), Daisy (Sem Terra), Simone (Tonato) e Adriana (Vila Municipal).

Eliane Dias, a Eli, da Vila Menck, diz que a festa é “bem grandiosa” e “gratificante” para a comunidade, porque nem todas as crianças têm oportunidade de ter brinquedos ou doces em momentos de comemoração. Ela nasceu em Salvador, na Bahia, e chegou em Itapevi em 2012, já participando da Associação Cultural e Assistencial de Mãe Iraildes, conhecida por pessoas de várias cidades do entorno. Atualmente, reside em Carapicuíba. Eli conta que as crianças da sua comunidade só podem participar da celebração se estiverem frequentando a escola — e isso é combinado com as mães. A organização da Festa de Cosme e Damião, segundo ela, é parte das atividades realizadas pela Madrinha “de janeiro a janeiro”, sempre na

assistência às populações mais carentes.

Moradora do Jardim Tonato, Luciana é liderança no Novo Horizonte e trabalha na área da educação. Foi por essa atuação que se aproximou de Mãe Iraildes, com a articulação entre a Associação e sua atuação como diretora de escola pública do bairro. Em 2024, a Madrinha, Mãe Zana e Vera foram convidadas por ela para uma atividade sobre cultura de matriz africana, no mês de novembro: “Foi maravilhoso, né? Ela foi muito bem recebida”. As crianças já conheciam as três matriarcas, inclusive por frequentaram a celebração de Cosme e Damião realizada no terreiro — sempre feita depois da festa pública. “Na escola, elas foram as celebridades!” A articulação com a escola também promove benefícios para as mães, por meio da realização de atividades de formação e empreendedorismo voltadas para elas, e para os estudantes, inserindo temas relacionados à cultura negra no currículo regular. No entanto, a Secretaria Municipal de Educação segue vetando a participação direta de alunos e alunas na festa.

138

Na organização das crianças do Quiriri, está a alagoana Marise, de Santana do Ipanema, vindo em 1986 para Carapicuíba e se instalando na Vila Credi. Ela conheceu a Madrinha quando se mudou para a Aldeia e foi convidada por uma vizinha para participar da celebração de Cosme e Damião. Desde mais ou menos 1989, passou a integrar a organização, ainda nas ruas de terra, que cercavam o barracão. Nos últimos anos, ela levou entre 80 a 100 crianças carentes, que passam o ano perguntando pelas festas! Elas conhecem bem a Associação, onde participam de diversas atividades. A consolidação dessas redes, com lideranças que conhecem bem seus territórios, possibilita a distribuição de doações que aparecem pontualmente e precisam ser rapidamente destinadas, como alimentos frescos e cestas básicas.

Nas reuniões de domingo, entre compromissos de trabalho, aparece também Denise, liderança da Reciclagem, no bairro do Jardim Veloso, nascida na própria cidade e moradora da região desde 2007, quando era uma área pouco ocupada. Atualmente, se desdobra entre São Paulo e Carapicuíba, por sua atuação profissional em adminis-

tração. Ela, “cria da comunidade”, identifica em sua vida o preconceito com quem vem das periferias, o que torna importante o trabalho social, para dar novos horizontes às crianças. Quando morava no Murão, Denise frequentava festas de Cosme e Damião de uma casa do bairro, mas não conhecia ainda a de Mãe Iraildes. Na sua casa, ela sempre mantém doces para dar às crianças da vizinhança, cujas famílias muitas vezes não têm recursos sobrando para presentear filhos e filhas. Sua atuação como liderança começou após uma tragédia, em que várias casas do bairro caíram dentro do córrego, e ela rapidamente se consolidou como pessoa de referência para auxílios e doações, entrando nas moradias das pessoas atingidas e ajudando. Através do Cacau, outra importante liderança comunitária da rede de Mãe Iraildes, ela conheceu a Madrinha e se sentiu muito acolhida, tanto na atuação social quanto em questões pessoais, mostrando essa sobreposição das relações, que cria e fortalece uma ética comunitária no interior dessas populações.

As relações entre lideranças foi também o que levou Hérica Machado, a Nega, moradora da comunidade CSU (Centro Social Urbano), na Cidade Ariston, a conhecer a Madrinha. “Na comunidade, você vê muita coisa, muita coisa... E, assim, pra quem é morador, é difícil, entendeu? É difícil você criar seus filhos, é difícil você ser negro — é difícil, entendeu?” Nega é muito agradecida pela dedicação de Mãe Iraildes, Mãe Zana e Vera em “se preocupar com o próximo”, como descreve as ações promovidas por elas a partir da Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba. Segundo ela, as mães da comunidade normalmente têm muitos filhos e, mesmo trabalhando, não é possível dar conta de todas as despesas, como alimentação e limpeza. É o apoio com as contas básicas das famílias que pode disponibilizar suas rendas para pagar cursos e outras formações para as crianças, que melhorem sua vida no futuro.

Nega, como muitas pessoas da cidade, nasceu fora de Carapicuíba — em Santos. Ela e a mãe visitavam frequentemente a tia, contemplada com um apartamento da COHAB há mais de 50 anos, e decidiram se mudar para

139

a cidade, após a morte do seu irmão. Outra pessoa conhecida morava no Ariston e indicou o bairro como uma região que estava crescendo, o que atraiu as duas, que se mudaram em 1999. Na época, ela tinha 19 para 20 anos, e o Ariston tinha ruas de terra e barracos de madeira, sem energia elétrica. Um córrego a céu aberto ainda corria pela região. “Eu acompanhei, vi canalização... Que nem, aqui tem árvores, que tem pessoas aqui que plantou, do outro lado da rua, que não tá mais aqui, entendeu? Vizinhos, que já se foram...” A canalização e o asfaltamento foram realizados há poucos anos, mas Nega tem muitas outras ideias de aproveitamento dos espaços públicos do bairro, pois faltam lugares para o lazer das crianças e o convívio geral.

Antes de conhecer Iyá Iraíldes, Nega e suas vizinhas faziam bolo e pipoca, compravam refrigerante e outros alimentos e promoviam sua própria celebração aos gêmeos, ali mesmo na rua. Hoje, sua filha, com 9 anos em 2025, frequenta a Festa de Cosme e Damião da Madrinha com ela: “É uma festa muito boa, faz a alegria de muita criança. As crianças não têm condições, entende? Então é bem complicado! Faz a diferença”. Para ela, a entrega dos brinquedos é a parte mais emocionante da celebração. Nega destaca também que o acolhimento da Madrinha extrapola os limites do terreiro. Nas suas palavras, “Dona Iraíldes tem a religião, e a minha religião já é outra. Nunca teve atrito. Acho que cada um tem que respeitar o espaço do outro”. Para ela, seria importante que mais ações de apoio estivessem na comunidade, mas o poder público nem sempre realiza essa entrada, diferentemente das atividades e projetos promovidos pela Madrinha, com sua organização de distribuição de cestas básicas. No momento de repassar as doações, Nega faz cultos dentro de sua casa, mostrando como o encontro das religiões favorece o bem-estar das famílias. Como se vê, quase todas as comunidades são lideradas por mulheres, matriarcas assim como Mãe Iraíldes, Mãe Zana e Vera, num diálogo de diferentes credos.

Lideranças atuais foram também crianças que frequentaram a celebração, anos ou décadas atrás. Os primeiros trabalhos de assistência realizados pela Madrinha em comunidades periféricas de Carapicuíba são tão anti-

➤ **Eliane, liderança comunitária da Vila Menck, e Mestre Nei, da Capoeira Inclusiva.**

Casa de Mãe Iraíldes, Carapicuíba. Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025.



Denise, liderança da Reciclagem.

Casa de Mãe Iraíldes, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025.



Marise, liderança comunitária do Quiriri.

Casa de Mãe Iraíldes, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025.



Hérica Machado (Nega), liderança da comunidade CSU.

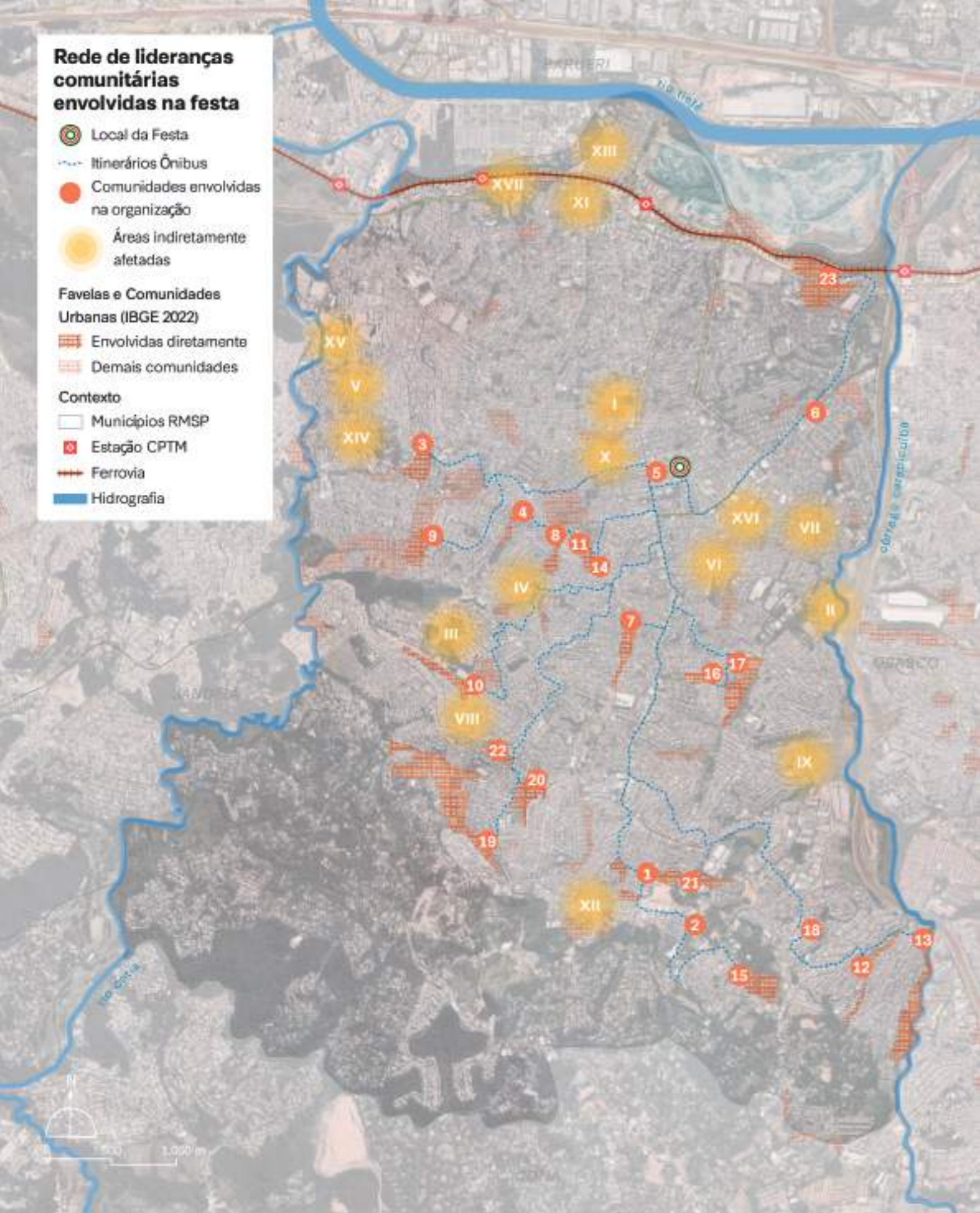
Cidade Ariston, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Luiza Rovere, 2025.

gos quanto a própria Festa de Cosme e Damião. Com relação às crianças, era a Ekedí Vera quem ia até os territórios, organizar a participação, mas, com o aumento de comunidades participantes, passou a ser necessário fortalecer e mobilizar lideranças locais. Mais uma vez, vê-se que a festa contribui com a própria articulação política da população periférica e empobrecida. A existência das comunidades e sua sobrevivência digna é parte central da celebração — e precisa ser garantida para que essa tradição continue a ser transmitida.



Rede de lideranças comunitárias envolvidas na festa

-  Local da Festa
 -  Itinerários Ônibus
 -  Comunidades envolvidas na organização
 -  Áreas indiretamente afetadas
- Favelas e Comunidades Urbanas (IBGE 2022)**
-  Envolvidas diretamente
 -  Demais comunidades
- Contexto**
-  Municípios RMSP
 -  Estação CPTM
 -  Ferrovia
 -  Hidrografia



- 1** 40 Casas
- 2** Aldeia
- 3** Boa Esperança
- 4** Bocaina
- 5** Casa de Velas
- 6** Capoeira Inclusiva
- 7** Capriotti
- 8** Cavalinha
- 9** Dema
- 10** Jardim Angélica
- 11** Murão
- 12** Novo Horizonte I
- 13** Novo Horizonte II
- 14** Projeto Murão
- 15** Quiriri
- 16** Reciclagem I
- 17** Reciclagem II
- 18** Santa Teresa
- 19** Savoy
- 20** Segundinha
- 21** Sem Terra
- 22** Tonato
- 23** Vila Municipal

- I** Jardim Ana Maria
- II** Jardim Copiúva
- III** Jardim Maria Beatriz
- IV** Jardim Popular
- V** Jardim Santa Rita
- VI** Jardim Santo Estevão
- VII** Jardim São Daniel
- VIII** Parque Flórida
- IX** Parque Jandaia
- X** Vila Artem
- XI** Vila Caldas
- XII** Vila Cristina
- XIII** Vila Gustavo Correia
- XIV** Vila Heleman
- XV** Vila Lourdes
- XVI** Vila Marcondes
- XVII** Vila Santa Terezinha

3 Agentes culturais e mais participantes

Iyalorixás, Babalorixás, lideranças comunitárias, suas famílias — de sangue e de terreiro — e as próprias Mãe Iraildes, Mãe Zana e Ekedí Vera têm em comum um traço essencial: as trajetórias de movimento entre o Nordeste e o Sudeste, a partir de raízes afro-indígenas. Além de territórios conectados e viagens significativas, que ainda continuam a ser feitas, essa comunhão é notável no panorama cultural de Carapicuíba — e marcam também as redes da Festa de Cosme e Damião. A saída do cortejo vem sendo acompanhada pelas crianças da OCA Escola Cultural, comandadas por Jorge Luciano, mais conhecido como Fofão — nascido no Recife, em Pernambuco. Na região metropolitana de sua cidade de origem, fica o município de Igarassu, onde se encontra a Igreja de São Cosme e Damião, considerada a mais antiga do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), com construção iniciada em 1535. “Então desde a minha infância que eu brinco Cosme e Damião, né? Tem a gincana de Cosme e Damião, pau-de-sebo, quebra-pote... Então eu cresci com essa manifestação, né”, conta ele. Sua formação no universo cultural é devedora das ações de Dom Helder Câmara, nas dezenas de favelas que circundam o centro histórico de Olinda, cidade vizinha. De lá, veio para o estado de São Paulo, cerca de 30 anos atrás, e iniciou sua atuação com teatro, educação e artes. Aqui, encontrou muitas outras pessoas nordestinas, com as quais rapidamente criou laços: “Esse carinho, esse afeto que a gente tem — não puxando o saco, mas nordestino é mais afetivo, né?”, diz Fofão dando risada.

Essa relação dos festejos dos Erês com a periferia, para Fofão, se deve à formação da população brasileira, marcada pela escravidão. “Cosme e Damião é muito interessante, porque tá dentro da matriz africana, principal-

mente das comunidades periféricas do Brasil todo. É a fé do povo negro. [...] Cada pedacinho, cada canto do Brasil, por mais que seja aqui no Sudeste, mas é sempre forte. Minas, com São Paulo, com Aparecida — é muito forte lá a Festa de São Benedito.” A condição de Carapicuíba de “cidade-dormitório”, para onde vieram pessoas de todo o Nordeste em momentos centrais da construção de São Paulo, faz dela um “celeiro de manifestação cultural do povo”, ainda que não devidamente reconhecida pelo poder público, nas palavras dele.

Lívia Queiroz Gesse, de família baiana, conheceu a OCA como uma das crianças assistidas, aos seis anos. Aos onze, foi pela primeira vez na Festa da Cosme e Damião de Mãe Iraildes. Hoje faz licenciatura em música popular e é educadora na instituição, tendo se tornado uma das responsáveis por levar as crianças à celebração. Na OCA, a cada celebração dos gêmeos ganha novas histórias, a partir dos mitos e dos conhecimentos das pessoas envolvidas, mostrando o caráter de encontro, em que participam crianças de religião de matriz africana e de outras religiões. Ela ressalta que se aproximou da Madrinha por conta das festas que fazem em homenagem às mulheres negras de terreiro da cidade, guardiãs da cultura de matriz africana em Carapicuíba e cidades próximas, como Mãe Eva e Vó Creuza.

Já Fofão conheceu Mãe Iraildes quando a OCA organizou gravações com várias e vários fazedores de cultura da cidade, auxiliando mestres e mestras a fazer projetos e manter suas atividades. Ele destaca a importância da produção cultural para a formação das crianças nas comunidades, oferecendo alternativas a elas. Quando a Madrinha conheceu a OCA, logo chamou para contribuir na Festa de Cosme e Damião, que ele admira muito: “É um milagre fazer aquilo lá!”. A aproximação trouxe apenas benefícios para todos os participantes, pois Fofão acredita que o trabalho de Mãe Iraildes contribui na formação e no acolhimento dos jovens mais vulneráveis, assim como as atividades da OCA.

Lívia conta que as redes de agentes culturais se cruzam frequentemente, já que essas pessoas estão sempre

na linha de frente da defesa das populações que não têm acesso à cultura: “A galera da cultura sempre é a mesma. Então a gente sempre se encontra. A gente vai se encontrando nesses caminhos, assim... Querendo ou não, somos os mais prejudicados, né? Então a gente acaba tendo que lutar um pouco mais”. Espaços políticos, culturais, sociais e religiosos se cruzam nessa caminhada. Nas palavras de Fofão, os terreiros são centrais para o fortalecimento dessa população e de suas manifestações culturais: “O cara vai trabalhar na casa dos cara aqui da Granja [Viana, bairro nobre da zona oeste da Grande São Paulo], vai a pé. Cria os filho, educa os filho. No final de semana, vai pro terreiro lá, se fortalecer, entendeu? Pegar essa energia”.

O maracatu, assim como a celebração dos Ibejis, tem forte relação com as religiosidades e culturas de matriz africana, o que fortaleceu a participação da instituição na festa como um todo e no cortejo em particular. Além da Festa de Cosme e Damião, o maracatu da OCA participa também da comemoração de São Benedito, feita por Rafael Felipe, que celebra o santo negro. Para Fofão, existe uma irmandade cultural na cidade em torno de manifestações relacionadas à cultura negra e nordestina, como samba de lenço, música de viola, capoeira, maracatu e outras. Segundo ele, muitas pessoas vêm para Carapicuíba e região e se empregam na construção civil, como pedreiros e pintores, trazendo na bagagem suas práticas e referências culturais — assim como suas violas e rabecas. Ao chegarem, encontram-se com grupos e famílias de trajetórias semelhantes e, assim, forma-se uma comunidade.

Natália Vasconcelos de Moraes, outra criança da OCA que se tornou educadora, integra-se também a essa comunidade que reúne habitantes da cidade, famílias de migrantes nordestinos e pessoas de terreiro. “A Mãe Iraildes eu conheço há muitos anos, porque eu sou de matriz africana também, sou de candomblé, só que o meu terreiro é em Osasco [Ilê Asé Alaketu Oyá Funkê, de Mãe Eva de Oyá]. A casa que a minha avó frequentava era aqui em Carapicuíba [terreiro de Mãe Janice, já falecida], ela conta, desenhando a geografia desses encontros, que extrapolam fronteiras entre cidades e mesmo estados. Sua avó era

também da cidade baiana de Gongogi, e uma de suas filhas, tia de Natália, foi iniciada por Mãe Iraildes, em Salvador.

É nessa articulação entre laços familiares e de axé, entre São Paulo e Bahia, que se deu sua aproximação com a Madrinha. Quando mais nova, Natália levava os sobrinhos para ganharem presentes na comemoração que a Iyá realizava em frente à Casa de Velas. Para ela, “Na verdade, a Mãe Iraildes é uma referência para os povos de matriz africana aqui em Carapicuíba. Ela é a maior referência”, por sua atuação em todos os conselhos municipais, pela relação com os terreiros da Bahia e porque sua casa é uma das mais antigas da cidade.

“Ela tem forte envolvimento. Tanto politicamente também — ela sempre é envolvida na política do município. Ela conhece todos os terreiros aqui. Todos os terreiros mais antigos conhece ela”, diz Natália, justificando porque acredita que a Festa de São Cosme e São Damião e sua matriarca principal deveriam ser valorizadas e reconhecidas. Nas falas sobre Mãe Iraildes, fica evidente seu caráter de depositária de tradições, de articuladora de comunidades negras e figura central na defesa dos povos de matriz africana. Suas ações garantem um futuro melhor para jovens e crianças de Carapicuíba, a partir do resgate e da manutenção de tradições que vêm do terreiro, de outras gerações e territórios.

A celebração de Cosme e Damião é um sinônimo de inclusão, com a participação de crianças com deficiências variadas, que têm uma área especial para ficar com suas mães, garantindo acesso adequado ao bolo e aos brinquedos. Nos últimos anos, a festa conta ainda com a participação de Sidnei Sousa, o Mestre Nei, fundador de um projeto de capoeira adaptada. Ele nasceu em São Paulo e mora em Carapicuíba desde os anos 2010. Com sua atuação, oferece a crianças e jovens com deficiência a oportunidade de treinar capoeira — uma das tradições afro-nordestinas da cidade, como conta Fofão. Ele atua há mais de dez anos nesse projeto, de caráter totalmente voluntário, promovendo a reabilitação e transformação de vida das pessoas atendidas, com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Síndrome de Down, microcefalia e outras deficiências. Com

seu berimbau, comanda uma roda de capoeira com seus estudantes, que acontece logo antes da distribuição do bolo, já com o galpão cheio de crianças! É Mestre Nei que faz também as camisetas da festa, usadas por todos e todas que trabalham e colaboram na organização.

A Associação Cultural e Assistencial e a Festa de São Cosme e São Damião de Mãe Iraildes são lugares referenciais da população, como espaços e momentos de acolhimento, o que pode se ver pela história de Aurileide. Depois de a filha ter dois abortos, ela fez promessa para Cosme e Damião, para que a próxima gravidez vingasse. Foi assim que nasceu Anastácia, sua neta. Para pagar a graça recebida, ela prometeu fazer bolos para sete festas consecutivas. Chega sempre no começo da festa e entrega seu bolo, com a imagem dos gêmeos e cheio de purpurina verde. Aurileide é uma das pessoas que vêm esporadicamente à celebração, mesmo sem ter relações contínuas com a Madrinha, o Ilê Asé Nitánirê ou a Associação, mostrando a extensão do reconhecimento que a festa tem na cidade.

Para Mãe Zana, as redes formadoras da festa se mantêm e se ampliam a cada nova comemoração, em muitas direções. Vários relatos dão conta da quantidade de pessoas que frequentaram a festa como crianças e jovens e hoje retornam trazendo as gerações mais novas de suas famílias. A festa é uma verdadeira tradição familiar, como conta Fábio, filho de Mãe Iraildes:

E lá na festa, lá tem pessoas, mães, que participavam da festa quando era pequena, lá no Novo Horizonte. No ano passado [2024], eu encontrei umas três. E tinha um carinho também, um rapaz. E ele falou comigo, lá no som, o rapaz participava da festa quando era lá no Novo Horizonte, que era estrada de chão. Aquele bairro era tudo mato. Então, ônibus lá pro Novo Horizonte era escasso. As pessoas pegavam ônibus, sentido Pinheiros, descia na fábrica de gelo e ia por dentro do mato, ia a pé pra chegar lá. Ele falou, “Naquele tempo — vocês sabem como é —, o

PARTE 3

meu pai que me levava, e ia o meu pai, minhas três irmãs, e juntava uns amigos. Nós íamos pra lá pra comer caruru, caruru gostoso”.

A transmissão da celebração entre gerações mantém a celebração e suas tradições vivas, assim como multiplica o bem-estar social na cidade e nas regiões próximas. Cada participante é um agente de fortalecimento e distribuição dos sentidos da festa. O inventário dos elementos estruturantes e da comunidade da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba contribui para a valorização da diversidade cultural, bem como para o combate à insegurança alimentar, ao racismo e à violência a que as comunidades detentoras estão sujeitas no Brasil.



Fofão e Lívia, educadores da OCA Escola Cultural.

Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 2025.

Cortejo com os músicos da OCA Escola Cultural. 45ª

Festa de São Cosme e São Damião, Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Gabriela Toral, 27/09/2024.

4 Os filhos de Mãe Iraildes

Fábio Fernando Rosa

Ver o semblante da minha mãe quando ela está no palco... Eu fico o tempo todo lá embaixo, olhando... Quando você vê que ela levanta, aí ela pega o microfone, quando vocês observam, você sente a vibração e a emoção que ela tem de estar ali e ela fala “minhas crianças”.

Então, eu comento isso em grupos de amigos — da Via Mobilidade que somos amigos até hoje, no meu trabalho —, convido as pessoas e falo o quanto é importante essa festa. Do ponto de vista social, do ponto de vista humanitário, vocês não têm noção de quantas pessoas vai ali e leva as crianças e às vezes, é, tem o que comer, porque às vezes não tem nenhum pãozinho pra comer de manhã, e se tem, toma aquele cafezinho de manhã e o almoço só é pra escola, mas a escola só é de segunda a sexta. Então, são vários pontos emocionantes que você vê.

Uma criancinha com chinelozinho rasgado, se vocês observarem lá, vocês vão ver com chinelezinho gasto, com a roupinha rasgada. Então, começa com a emoção de ver a minha mãe fazendo bem, se sentindo bem, agradar aquelas crianças, e depois você vê as pessoas ali juntas, comendo um bolo, as crianças comendo, tomando refrigerante. Então, o que me emociona e eu comento muito é a questão humanitária e social que é realizada, não só na festa de Cosme e Damião, quando a Associação recebe frutas e legumes e distribui produtos de limpeza.



Mãe Iraildes e seus filhos Fábio e Samara. Carapicuíba.
Fonte: Acervo de Mãe Iraildes,
Tiago Kinzári, 2024.

[...] Ela é a inspiração do homem que eu sou hoje. [...] Eu chamo ela de minha mandioquinha frita. Ela é uma coisa linda! Ela tem um coração enorme!

Samara Fernanda Rosa Baptista

Ser filha da Madrinha, Dona Iraildes ou mãe, como tantos a chamam, nunca foi simples. Afinal, qual criança quer dividir a atenção do ser mais amado e especial da sua vida? Mas eu tive o privilégio de aprender desde cedo a dividir, e hoje sou grata por isso. Cresci ao lado de uma mulher forte, decidida e, acima de tudo, apaixonada pelas crianças.

A Festa de São Cosme e Damião sempre foi, para mim, o melhor momento do ano. Eu me sentia parte de cada detalhe: ficava ansiosa para conversar com todas as pessoas que chegavam para ajudar, para organizar os brinquedos e, principalmente, para a parte que fazia meu coração disparar de alegria — montar e contar os saquinhos de doces. Confesso que, até hoje, essa ainda é a minha etapa favorita.

A celebração de São Cosme e Damião em Carapicuíba é o reflexo do amor imenso que minha mãe tem pelas crianças e pela comunidade. Desde que ela deu início a essa tradição, a festa se tornou um marco de união e alegria, reunindo famílias que celebram não apenas a devoção aos santos, mas também o espírito de solidariedade e acolhimento. Crescer dentro dessa festa me ensinou a reconhecer a beleza que existe no olhar iluminado das crianças e na emoção das famílias. É algo que não se descreve; apenas se sente. A festa é uma verdadeira manifestação de amor e gratidão.

Ver as pessoas se emocionando ao abraçar minha mãe, perceber a gratidão nos olhos delas e sentir a força desse gesto é uma das experiências

mais marcantes que a festa me proporciona. São Cosme e Damião, santos da cura, da generosidade e da fé, representam exatamente o que esse dia simboliza para todos nós. A cada ano, Carapicuíba se enche de vida, de afeto e de união graças a essa tradição construída com dedicação, coragem e amor, ao longo de 46 anos, qualidades que minha mãe sempre teve de sobra e que transformaram a vida de tantas crianças e famílias.

Dividir a atenção da minha mãe nunca foi fácil, mas me ensinou o verdadeiro significado do amor genuíno. Ver a Festa de São Cosme e Damião crescer pelas mãos dela mostrou que o amor, quando compartilhado, só se multiplica. Ser filha dessa mulher e dessa história é a maior bênção da minha vida. **18**



PARTE 4

Referências

Sankofa

*Se wo were fi na wo
sankofa a yenkyi*

Nunca é tarde para voltar e
apanhar o que ficou atrás

1 Celebrações, devoções e significados da festa ao longo da história

A Festa de São Cosme e São Damião é uma celebração religiosa popular, com múltiplos significados, porque reúne devoções das comunidades católicas com as de matriz africana das religiões afro-atlânticas, cujos elementos contribuem para a valorização da diversidade cultural, dos laços de amizade, afeto e solidariedade, da infância e da segurança alimentar das comunidades detentoras.

Os santos católicos Cosme e Damião, irmãos gêmeos, foram médicos que exerceram gratuitamente a profissão na Síria e na Ásia Menor, tendo ficado conhecidos pelas curas milagrosas. Acusados de feitiçaria, foram assassinados em 287 d.C. pelo imperador romano, Deocleciano II, enquadrando-se no culto aos mártires, por terem derramado sangue por Cristo. Ao longo dos tempos, ganharam grande popularidade, tendo sido considerados os padroeiros dos médicos e enfermeiros.

A devoção a São Cosme e a São Damião, amplamente difundida na Europa, sobretudo na Itália e na Península Ibérica, veio de Portugal para o Brasil pelos colonizadores. Em 1533, foi inaugurada a primeira igreja em homenagem aos santos irmãos, na cidade de Igarassu, em Pernambuco, a mais antiga e ainda em funcionamento no Brasil, que se tornou um centro de devoções com fama de proteger a população contra epidemias, feitiços e partos difíceis. Na Colônia, à devoção católica a São Cosme e São Damião conflui o culto aos Ibejis disseminado por africanas e africanos escravizados na diáspora pelo Atlântico, vinculado à infância e à proteção das crianças, “em uma simbiose tão estreita que é difícil distinguir hoje, nos costumes populares, a parte africana da parte europeia”. ¹⁹

Há o Cosme e Damião católico, de reza e vela; o católico que come caruru (neste o santo católico

¹⁹ Roger Bastide, *O candomblé da Bahia: rito nagô*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 181.

come caruru); o do candomblé que a devota despacha antes na rua para depois oferecer aos santos e às crianças sob rezas católicas; em certa situação há o da umbanda que partilha o culto com os Crispins, Crispinianos e outras entidades “crianças”; tem aquele que não come mais caruru, não ganha doces e brinquedos, mas tem a sua “luz” acesa por toda a vida, tendo sua devota, após ter realizado seu caruru por sete anos consecutivos, se comprometido a nunca deixar a sua vela se apagar, substituindo-a sempre que esta se finda (sendo esta uma vela de sete dias), dentre outras tantas variedades possíveis. **20**

Na história afro-atlântica, com a longa duração da escravidão, sequestro e trânsito de pessoas africanas, o culto católico de São Cosme e São Damião “foi se amalgamando ao culto iorubá dos Ibejis (o nkisi Vunji, no candomblé banto)”. Na Nigéria, os nascimentos de gêmeos são bastante frequentes, chegando a dezenove em cada mil, e são considerados “seres especiais que pertencem a três universos distintos: o mundo da natureza, chamado Ilè, o mundo das entidades espirituais (Òrun) e o mundo dos homens (Aiyé)”. **21** Esses entes sagrados, representados pelos gêmeos, teriam sido trazidos de África para o Brasil como orixás de terreiros, regidos pelo princípio da dualidade. Atualmente, aos Ibejis são atribuídas as qualidades de protetores dos gêmeos e dos seus partos difíceis, além de protetores das crianças.

Já em Salvador, e na Bahia de modo geral, a devoção a São Cosme e a São Damião surge no candomblé, onde se distribui o caruru, iguaria feita de quiabo e camarão. Como explica o professor Jaime Sodré, Cosme e Damião têm uma ligação muito especial com os orixás, pois “não tem orixá que não vá ouvir o canto de um menino”. **22** Na Introdução do livro *Doces santos*, os autores analisam os múltiplos e complexos sentidos e interpretações que receberam Cosme e Damião no Brasil:

20 Luiza Mahin Nascimento, “Vozes de fé e devoção: uma etnografia do culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira/Bahia”, *Revista Olhares Sociais*, v. 3, n. 2, p. 5, 2014, p. 27.

21 Stefania Capone, “As crianças divinas: ibejis, erês e egbé òrun nas religiões afroatlânticas” in Menezes, Freitas e Bártolo (orgs.). *Doces Santos*, pp. 294-295.

22 Entrevista com o antropólogo Jaime Sodré. *Caruru de Cosme e Damião*, 2012, www.youtube.com/watch?v=xn90rMyLVuE.

Santos, mártires, católicos, médicos, gêmeos, orixás africanos, protetores de crianças, ou eles mesmos entidades-crianças, revelam-se personagens multiformes, presentes em muitos panteões e em muitas latitudes. Assumindo especificidades em cada um desses contextos e sob cada uma dessas feições, por vezes, em combinações e rearranjos surpreendentes, eles recebem diferentes modalidades de culto e celebração. **23**

Numa das versões da celebração, Cosme e Damião são acompanhados pelo irmão mais novo, Doum, a figura criança, que seria Idowu na tradição iorubana, “o guardião dos Ibejis”. **24** Nesse contexto, Cosme e Damião, em suas versões e rearranjos diferentes, são cultuados no catolicismo, nas religiões de matriz africana e em religiões ayahuasqueiras. **25**

Assim como ocorre nos diversos territórios do Brasil, a Festa de São Cosme e São Damião é permanentemente ressignificada pelas comunidades detentoras do município de Carapicuíba, que contribuem com as influências de suas tradições religiosas, ancestralidades, laços de solidariedade, criação de imagens, vestimentas, músicas e objetos, novos modos de fazer e celebrar nos diversos contextos de inserção nas cidades. Apesar de as manifestações se apresentarem diferentes a cada festa, ancoram sua fé sempre em dois elementos fundamentais: o caruru e as crianças, as protagonistas centrais.

23 Menezes, Freitas e Bártolo (orgs.), *Doces Santos*, pp. 21-22.

24 Stefania Capone, “As crianças divinas”, p. 292.

25 Menezes, Freitas e Bártolo (orgs.), *Doces Santos*, p. 24.

➤ **A cura de Justiniano por São Cosme e Damião.** Fra Angelico. Têmpera sobre madeira, c. 1440. Museo di San Marco, Florença, Itália.



2 Atividades realizadas pela equipe

Projeto “A destruição do terreiro Ilé Asé Odé Ibulamo: patrimônios e caminhos de reparação”, Edital de Chamamento Público nº 005/2023 – Apoio à Assistência Técnica para Preservação do Patrimônio Cultural (PAT-CULTURAL) do Conselho de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de São Paulo (CAU/SP).

Atividade 1

Participantes: Mãe Iraildes, Mãe Zana de Odé, Naldo, Bryan, Tomaz. **Data:** 08/03/2023. **Local:** Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Novo Horizonte.

Projeto “Proposta de projeto-piloto de identificação da Festa de São Cosme e São Damião de Carapicuíba: a rede de terreiros na formação da cidade”, Edital de Chamamento n. 05/2023 do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (PNPI-IPHAN), Instrumento nº 947714.

Atividade 1

Participantes: Mãe Iraildes, Vera, Cacau, Marisa, Jô Pinheiro, Sheila, Vanessa, Denise, Eli Dias. **Data:** 08/09/2024. **Local:** Casa de Mãe Iraildes.

Atividade 2

Participantes: Mãe Iraildes, Vera, Pai Josuel, Cacau, Naldo e esposa, Cássia e filha. **Data:** 15/09/2024. **Local:** Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Novo Horizonte.

158

Atividade 3

Participantes: Mãe Iraildes, Vera. **Data:** 22/09/2024. **Local:** Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Novo Horizonte.

Atividade 4

Participantes: Mãe Iraildes, Vera, Clemilda e filha, Fábio, Pai Josuel, Malone, Roberto Esteves. **Data:** 27/09/2024. **Local:** Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba, Vila Ema.

Atividade 5

Participantes: Mãe Iraildes, Pai Josuel. **Data:** 29/09/2024. **Local:** Cidade Ariston.

Atividade 6

Participantes: Mãe Iraildes e Vera. **Data:** 10/10/2024. **Local:** Casa de Mãe Iraildes.

Atividade 7

Participantes: Mãe Iraildes, Vera. **Data:** 08/12/2024. **Local:** Ilé Asé Nitánirê, Novo Horizonte.

Atividade 8

Participantes: Mãe Iraildes, Vera, Lucas Almeida. **Data:** 20/02/2025. **Local:** Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Novo Horizonte.

Atividade 9

Participantes: Denise, Eliane,

Mestre Nei, Luciana, Marise. **Data:** 16/03/2025. **Local:** Casa de Mãe Iraildes.

Atividade 10

Participante: Hérica Machado (Nega). **Data:** 16/04/2025. **Local:** CSU, Cidade Ariston.

Atividade 11

Participantes: Pai Josuel, filha de Pai Josuel, Dona Francisca, Mãe Fátima, Afonso (marido) e filha. **Data:** 24/04/2025. **Local:** Cidade Ariston e Terreiro de Umbanda Caboclo Ubirajara e Maria do Balaio (TUCUMB).

Atividade 12

Participante: Clemilda. **Data:** 21/05/2025. **Local:** Casa de Clemilda, Cidade Ariston.

Atividade 13

Participantes: Fofão, Lívia, Natália. **Data:** 29/05/2025. **Local:** OCA Escola Cultural.

Atividade 14

Participantes: Vera, Mãe Zana. **Data:** 05/06/2025. **Local:** Casa de Mãe Iraildes.

Atividade 15

Participantes: Tomaz, Bryan. **Data:** 12/06/2025. **Local:** online.

Atividade 16

Participantes: Mãe Zana, Mãe Iraildes. **Data:** 07/08/2025. **Local:**

159

Casa de Mãe Iraildes.

Atividade 17

Participantes: Mãe Daisy, José Luiz. **Data:** 11/08/2025. **Local:** Casa da mãe de Mãe Daisy, Vila Nova Cachoeirinha.

Atividade 18

Participantes: Mãe Zana, Mãe Iraildes, Vera. **Data:** 01/09/2025. **Local:** Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte.

Atividade 19

Participantes: Mãe Iraildes, Vera, Elisângela, funcionários da loja Armarinhos Fernando. **Data:** 04/09/2025. **Local:** Armarinhos Fernando, Osasco.

Atividade 20

Participantes: Mãe Zana e José Carlos (Magrão). **Data:** 11/09/2025. **Local:** Doceria Fortaleza, Vila Silva Ribeiro.

Atividade 21

Participantes: Mãe Zana, Vera, Mãe Iraildes. **Data:** 14/09/2025. **Local:** Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba, Novo Horizonte.

Atividade 22

Participante: Fábio. **Data:** 16/09/2025. **Local:** online.

Atividade 23

Participantes: 46ª Festa de

São Cosme e São Damião de Carapicuíba. **Data:** 27/09/2025.

Local: Associação Nipo-Brasileira de Carapicuíba, Vila Ema.

Atividade 24

Participantes: Mãe Iraildes, Mãe Zana, Vera. **Data:** 19/11/2025. **Local:** Ilê Asé Nitánirê, Novo Horizonte.

3 Bibliografia

Henrique Cunha Jr., "Bairros negros: a forma urbana das populações negras do Brasil", *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, v. 10, n. 1 (2020), pp. 16-27.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), *Círio de Nazaré*, Rio de Janeiro: IPHAN, 2006.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), *Inventário dos terreiros do Distrito Federal e entorno*, 1ª fase, Brasília: IPHAN, 2009.

Luiza Mahin Nascimento, "Vozes de fé e devoção: uma etnografia do culto doméstico a Cosme e Damião em Cachoeira/Bahia", *Revista Olhares Sociais*, v. 3, n. 2 (2014), pp. 5-30.

Morena Freitas, "Correndo atrás de doce: socialidades na festa de Cosme e Damião no Rio de Janeiro", *Ponto Urbe*, n. 24 (2019), pp. 1-17.

Renata Menezes, Morena Freitas e Lucas Bártolo (orgs), *Doces Santos: devoções a Cosme e Damião*, Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

Renata Menezes, Morena Freitas e Lucas Bártolo, "Um caleidoscópio sobre Cosme e Damião" in Menezes, Freitas e Bártolo (orgs.), *Doces Santos: devoções a Cosme e Damião*, Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, pp. 20-29.

Roger Bastide, *O candomblé da Bahia: rito nagô*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001 [1958].

Stefania Capone, "As crianças divinas: ibejis, erês e egbé òrun nas religiões afroatlânticas" in Renata Menezes, Morena Freitas e Lucas Bártolo (orgs), *Doces Santos: devoções a Cosme e Damião*, Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020, pp. 288-325.

Vivaldo Costa Lima, *Cosme e Damião: o culto dos santos gêmeos no Brasil e na África*, Salvador: Editora Corrupio, 2005.

Yuri Prado, "Dois irmãos: devoção e identidade baiana no caruru de Cosme e Damião", *Dossiê Religiões: suas imagens, performances e rituais*, São Paulo, v. 7, (2022), pp. 1-21.

4 Audiovisual

Caruru de Cosme e Damião. Entrevista com o antropólogo Jaime Sodré. Direção: Carlos Maguari. 6'21. YouTube, 26 set. 2012, youtube.com/watch?v=xn90rMyLVuE.

Dois irmãos. Direção Yuri Prado. 32'. Produção: Laboratório de Imagem e Som em Antropologia / LISA-USP, 2021.

Sagrados Invisíveis. Direção: Bruno Felix. 33:05'. Produção: Alini Massê. Qlokotio Filmes, 2023. Apoio: Lei Paulo Gustavo. Ministério da Cultura e Edital 004 da Secretaria de Cultura e Turismo de Carapicuíba de 2023, SECULT, 196.

6 Outros materiais

Certificado de Ponto de Memória do Ilê Asé Odé Ibulamo, IBRAM, 29 de julho de 2023, Processo nº 01415.002091/2023-11.

Folders da Associação de São Cosme e São Damião, material de acervo da comunidade, 2019-2025.

5 Sites e podcasts

Banco de alimentos de Osasco, osasco.sp.gov.br/banco-de-alimentos-de-osasco-beneficia-mais-de-20-mil-pessoas-em-2024/.

Ilê Asé Odé Ibulamo: memória e história, ileodecau.wixsite.com/frenteileode.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ibge.gov.br/.

Instituto Moreira Salles, Ocupação pequenas Áfricas de São Paulo. Jogo de Memória Adinkra, ims.com.br/pequenas-africanas-espaco-de-convivencia/.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), portal.iphan.gov.br/.

Pedido de tombamento municipal do Ilê Asé Nitánirê, professorladenilson.com.br/2021/05/14/indicacao-858-2021-solicitacao-de-tombamento-municipal-do-terreiro-de-candomble-ile-ase-oja-nitanire-jardim-novo-horizonte-carapicuiiba-atraves-da-secretaria-municipal-de-cultura-e-do-compac-c/.

UNESCO, *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, Paris: 2003, unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por.

Perfil do Ilê Asé Oyá Nitánirê (Facebook), facebook.com/nitanire/?locale=pt_BR.

Perfil da Associação São Cosme e São Damião de Carapicuíba (Instagram), instagram.com/assoccosmeedamiaodecarapicuiiba.

Agradecimentos

Este livro não seria possível sem o apoio financeiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a valiosa colaboração de interlocutoras e interlocutores do projeto: a comunidade detentora, com Mãe Iraildes e seus filhos, Fábio e Samara, Mãe Zana, Vera, Clemilda, Bryan e Tomaz; as autoridades religiosas Pai Flávio, Pai Josuel, Mãe Daisy, Mãe Fátima e outras; as lideranças comunitárias Naldo, Cacau, Mestre Nei, Denise, Eliana, Marise, Edejane, Nega, Luciana, Eliane, Cris e Jô, para mencionar apenas algumas; o responsável pela logística da festa, Seu Gerson; os educadores da OCA, Fofão, Lívia e Natália; os comerciantes do Armarinhos Fernando, em especial Givaldo, gerente da loja, e a Doceria Fortaleza, na figura de José Carlos, o Magrão; e os fotógrafos Tiago Kinzári e Osni Dias Vieira, que generosamente cederam suas lindas fotos para essa publicação.

Agradecemos, ainda, às colaboradoras e aos colaboradores que contribuem para a realização da Festa de Cosme e Damião de Carapicuíba, que chegou à sua 46ª edição em 2025, em troca do sorriso de milhares de crianças que dela participam.

> Mãe Iraildes rodeada pelas crianças. Associação Cultural e Assistencial São Cosme e São Damião de Carapicuíba. Fonte: Projeto Festa de Cosme e Damião, Glória Kok, 08/12/2024.



“PROPOSTA DE PROJETO-PILOTO DE IDENTIFICAÇÃO DA FESTA DE COSME E DAMIÃO DE CARAPICUÍBA: A REDE DE TERREIROS NA FORMAÇÃO DA CIDADE”

EDITAL DE CHAMAMENTO Nº 05/2023 DO INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN) — INSTRUMENTO Nº 947714

Presidente da República
Luiz Inácio Lula Da Silva

Ministra da Cultura
Margareth Menezes

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Leandro Grass

Diretoria do IPHAN
Adriana Fátima B. Araújo
Andrey Rosenthal Schlee
Cejane Pacini Leal Muniz
Daniel Borges Sombra
Deyvesson Israel A. Gusmão

Diretor do Departamento de Patrimônio Imaterial
Deyvesson Israel A. Gusmão

Coordenadora-geral de Identificação e Registro
Diana Dianovsky

Coordenador de Identificação
Pedro Gustavo M. Clerot

Equipe Técnica
Diana Dianovsky
Martiniano S. de A. Neto
Mônica de M. Mongelli
Pedro Gustavo M. Clerot

Superintendente do IPHAN em São Paulo
Danilo de Barros Nunes

Cordenadora Técnica
Olívia Malfatti Buscariolli

Equipe Técnica
Titular para o acompanhamento do projeto
Evandro Domingues

Suplente para o acompanhamento do projeto
Corina Maria R. Moreira

Escola da Cidade

Presidência
Marta Moreira
Álvaro Puntoni
Fernando Viegas

Conselho Científico
Anália Amorim
Maira Rios
Carolina Heldt

Equipe

Coordenação
Amália C. dos Santos
Glória Kok

Comunidade detentora
Odecidarewá (Zana Meire O. de Jesus)
Ofacilomy (Bryan W. O. de Almeida)
Tomaz O. dos Santos

Registro audiovisual e fotográfico
Gabriela Toral
Luiza Rovere

Cartografia
Beatrice P. Perracini
João Pedro Manccini F.
Sarah R. da Silva

Transcrição
Raíssa A. de Oliveira

Redação
Amália C. dos Santos
Glória Kok

Editoração
Gabriela Giannotti

Seleção de imagens
Glória Kok

Digitalização e tratamento de imagens
Gabriela Giannotti

Ilustrações
Gabriela Toral
Tomaz O. dos Santos

Revisão
Clara Kok Martins



Todos os esforços foram feitos para contactar com os detentores dos direitos das imagens. Em caso de omissão, faremos todos os ajustes possíveis na primeira oportunidade. Esta é uma publicação sem fins lucrativos e encontra-se livre de pagamentos de direito de autor no Brasil, protegida pela Lei N° 9.610, Título III, Cap. IV, Art. 46, Inciso VIII.

© Todos os direitos e responsabilidades sobre as imagens e textos pertencem aos seus autores.

Tiragem **1280 exemplares**

Impressão **Maistype**

Miolo **Offset 120**

Fontes **Acumin e Synthese**